

# A VOZ DE MELGAÇO

Director e Administrador :  
P.º JÚLIO HILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas: Residência Paroquial — Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga  
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:  
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00  
ANO X

MELGAÇO, 1 de Junho de 1955

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA  
N.º 6

## SOMOS MAIS!

Mis um ano! — E um ano mais, para um quinzenário de um concelho, é muito.

E no entanto nós, sentimo-nos ainda muito longe do que desejamos. Perguntaram um dia a um dos Directores da Acção Francáise para quando trabalhavam: — Para daqui a 50 anos, respondeu.

Nós desejamos trabalhar para já, para daqui a 5, a dez, a vinte anos e para a eternidade. Nada menos!

Queremos levar à «Cidade», nesta era admirável de progresso, a mensagem de Cristo.

Hoje, como ontem, como sempre, não andamos ao serviço de partidos. Queremos servir a Deus, a Igreja e a nossa Pátria, e a nossa Terra. Queremos estar e sentir com a Igreja e com a Pátria.

Anda aí o Diabo escandalizado com a presença de Deus na Cidade, na imprensa, sobretudo nos campos, e em todas as actividades humanas.

Desde as catacumbas dos primeiros séculos às catacumbas dos países da Cortina de ferro, desde as salas das mais elevadas magistraturas católicas, das Nações aos simples cristãos dos bairros de lata, temos conosco a mensagem de Deus.

Já há muito que o sangue da Revolução francesa marcou outra época, a dos Direitos do homem. — O sangue da Revolução Francesa... — O sangue de Deus, isso sim!

A Igreja, a mensageira de Deus na terra, tem uma palavra para o homem, para o trabalho, para o direito, para a sociedade.

Não seguimos este ou

aquele filósofo ou pensador. — Pobres filósofos; pobres pensadores! Tantos, tão altos, tão luminosos e tão de sencontrados. Seguímos o Cristo. Ele sim que é o Caminho, a Verdade, a Vida.

Anda aí dizíamos, o Diabo escandalizado com a presença de Deus na Cidade.

Dêmos a palavra a Pio XII, que felizmente nos go

(Continua na 2.ª página)

## No aniversário

de

## «A Voz de Melgaço»

Meu bom Amigo e Colega

Escreveu-me uma carta a pedir-me algumas palavras para o aniversário de «A Voz de Melgaço». E' com grande prazer que satisfaço o seu pedido, porque diz e bem não ou nada: é dar à alma a serenidade, o doce repouso dum optimismo reconfortante. O jornal que o meu Amigo dirige merece os nossos aplausos e incitamentos. Foi lançado t

## Conheçamos a nossa terra

LXXIX - Fideis

## Uma freguesia que desapareceu

(Continuação)

Pelo que vimos, existiu uma freguesia com o nome de Santa Maria de Rump

ecilha ou Senhora de Rumpecilha. A igreja de Santa Maria de Rumpecilha succedeu, com toda a certeza, a actual capela da Alcobaca, faltando saber se a igreja primitiva era no local da capela de nossos dias, ou nas terras que ainda conservam o nome de Rumpecilha, conjunto de terrenos de bouças, feio e se meadura, do lado de lá da fronteira, junto à povoação galega da Assureira.

(Continua na penúltima página)



P.e Artur d'Almeida

o mimoso escritor e dedicado amigo que está sempre presente no nosso dia de anos.

midamente, com hesitações explicáveis. Foi bem recebido e hoje é lido com agrado por quase todos os melgacenses, que vêm nele o porta voz, o defensor ardoroso dos interesses materiais e espirituais da sua terra. Os trabalhos do jornalista não são devidamente compreendidos e compensados.

O escritor grava perpetuamente nos seus livros o seu nome imortal. A fama do jornalista é uma glória efémera, uma poeira luminosa, dispersa, fugidia, que se esvai e acaba

(Continua na penúltima página)

## Dr. Abel Varela e Seixas

Tem estado gravemente enferma a esposa deste nosso prezado amigo e ilustre colaborador.

Desejamos-lhe rápidas melhoras.



Bernardo Pintor

Sacerdote exemplar, pastor de almas zeloso, o P.e Manuel António Bernardo Pintor é um historiador sério e um investigador paciente, a quem Melgaço ficará a dever a veracidade da sua história.

## A Nossa Terra Melgaço em Fátima

A nossa Terra fé-la Deus tão linda, e tão rica...

A subit donairoza, gentil, em festa, das margens fundas do Minho até às alturas de Castro Laboreiro e montes de Parada, Gave e Flães...

Boa gente, pura e graciosa, como a água das nossas fontes, bons vizinhos, bom clima...

A nossa Terra fé-la Deus tão rica... (Nós é que somos muitos...) e Senhora de um conjunto de paisagens, tão lindas, tão doces, tão macias e aveludadas a descansar por entre longos horizontes, cheios de ar, luz e sol, em que o suave Minho reina com a formosura das suas águas em descida lenta, saudosa.

Tão rica... O seu pão, os seus pomares, o seu arvoredado, o presunto, o peixe, (a lampreia, o sável, a truta...), as suas águas, puras e cristalinas, medicinais como as do Peso, os seus gados, a sua caça...

Tão rica... Ainda poucos (Continua na última página)

13 DE MAIO DE 1955

1) — No dia 9 de Maio pelas 9 horas saiu do Largo da Calçada, desta Vila, em vistoso e cómodo autocarro da Empresa «Auto Viação Melgaço, L. da» com destino ao Santuário de N. S. de Fátima, uma



P.e Justino Domingues

É o modelo de Pastor de almas e o organizador piedoso destas romagens ao Santuário de Fátima.

Peregrinação composta de 32 adultos e mais 4 crianças provenientes na maior parte desta vila e da vizinha freguesia de Chaviães, mas sendo também 7 de Prado com duas crianças, 3 de Cubalhã, uma de Couselo e mais duas de Valadares. Da Vila eramos 14, com dois pequenos; e de Chaviães eram 9.

A' hora marcada todos estavam no seu lugar, a não ser aqueles que deviam entrar no percurso, como se já em Galvão, em Prado e por último em Valadares. Logo de início entrou a pontualidade em acção! Parabéns!

Logo ao partir ocorreram à mente aquele pensamento dos israelitas ao encetarem a viagem para a Cidade Santa de Jerusalém, registado no livro dos Salmos: (Ps. 121, 1). Alegrei-me porque me disseram: tremos à Casa do Senhor!

Este mesmo pensamen

(Continua na última pag.)

## Prado, 25

## De Prado à Peneda e a Castro Laboreiro (3)

OFICIALMENTE, já o relógio ia para as 13 quando os meus familiares regressaram da sua visita ao Santuário. Vinham todos mais ou menos ofegantes, mais ou menos esbaforidos, a máscara do cansaço visivelmente estampada em seus rostos, se bem que o percurso não tenha sido longo; mas aquele piso... não é, positivamente, para gente da cidade, além de que o Sol, agora no zenite, ou a pino, como diz o nosso povo, dardejava inclementemente como se fora em plena canícula, e não soprava a mais ténue aragem. Acrescente-se a tudo isto a respeitável ninhada de famélicos "ratos", que todos eles traziam nos seus respectivos estômagos — pois cometeram a imprudência de iniciar a jornada apenas com o café bebido... — e terá plena justificação a sua fadiga. Já o mesmo contratempo me não sucedeu, porquanto segui a rigor a sabedoria que nos diz: — *Quem vai para o mar em terra se deve aviar*. Que ro dizer: antes de partir... comi com garfo.

Voltado o carro, vamos subindo agora, a trancos e barrancos, a tortuosa estrada, mais própria para jeeps do que para outros veículos. O automóvel, embora novo, arfava por todos os poros e, um pouco antes de chegar à Portela do Lagarto, houve que pará-lo, porque a água no radiador já ia em ebulição, a pontos de, quando se lhe tirou o tampo, dar um jacto de mais de dois metros. Deu-se-lhe repouso, substituí-se-lhe a água e pouco depois — após ter trilhado muita lama, frente aos viveiros florestais — estava novamente em Lamas, donde rumamos para Castro Laboreiro, cuja estrada vai brevemente ser empedrada.

Chegamos à Portelinha (diminutivo de Portela) onde nos aguardava para jantar o nosso primo Sebastião Cerdeira, soldado da G. F. em serviço no posto da referida localidade. Já era tempo... porquanto o relógio ia para as 14 e aqueles ares... aqueles ares levantam um anémico.

Estávamos na terra dos melhores presuntos do mundo e meu primo aproveitou o ensejo para adquirir ali mesmo um — peça genuína de porco nado, criado e ceado entre aquelas magestas serranias que são uma das maravilhas de Portugal. Ai estas serranias...

— Vir ao Alto-Minho e não visita-las é um crime lesa turismo; é por assim dizer, o mesmo que ir a Roma e não ver o Papa.

Vamos seguindo agora para a Vila de Castro, última etapa da jornada. Mais ou menos a meio do percurso, surgiu nos o primeiro contra-tempo: o automóvel atropelou uma... galinha. Embora não tivesse obrigação de o fazer — já que a estrada não foi feita para o gaudío de galináceos e quejandos — meu Primo parou e, de comum acordo, indenizou o seu dono com 10\$00; pois não quis que a sua primeira visita a esta pitoresca localidade ficasse assinalada com quaisquer inimizades.

Entramos no histórico e antiquíssimo burgo de *Castrum Lupuretum* que achei muito mudado para melhor. Por toda a parte se vê o dedo gigante desse dinâmico e inteligente sacerdote que é o rev. P. e Aníbal Rodrigues, a quem Castro deve tudo — ou quase tudo — que de bom possui.

A sua igreja, com sólidos botarões e de estilo pesado — próprio para a região — está devidamente aliada e conservada, o que muito honra aquele zeloso sacerdote e bem como assim os seus fregueses. Nela, sobre a vergada porta principal, despertou a minha atenção o medalhão com a cruz de Cristo — Ordem militar portuguesa, instituída em 1319 por D. Dinis, em substituição da Ordem dos Templários — de que foi comenda, tendo tido por comendadores os Saldanhas de Albuquerque. Também mereceu meus reparos o chafariz que jorrava a pontos de só as pessoas munidas de escafrando se podem acercar dele. Pareceu-me ver ali um desleixo em demasia...

Sem nenhum de nós ter subido a visitar as ruínas do altaneiro castelo medievall — outros dizem ser romano — regressamos a Melgaço.

No alto de Sante, fascinados pelo soberbo panorama que dali se avista, paramos um pouco para contemplá-lo. — Que maravilha...!

A nossos pés, em amplo e formosíssimo anfiteatro, formado de mosaicos de policromia, onde o verde eterno da vegetação sorri e treme com vico, a paisagem, ora em quebrados socacos, ora em escaquetadas courelas, ora ainda em graciosos outeiros, vai-se desenrolar

do suavemente até ao pé do tico rio Minho.

Do outro lado, a paisagem galaica — devido à distância e, sobretudo, aos efeitos da contra luz — oferece-nos aspecto, diferente de tons mais sombrios, mas nem por isso menos atraentes do que a de aquém rio, a qual subindo se vai sumindo até de todo se esfumar nas cristas sinuosas da caprichosa Sierra de Guido — e tudo isto rematado por um indigo celeste que pinta de mortal não pode igualar. — Que maravilha!...

Descemos. Entrando pela Calçada, fomos dar uma volta pela Avenida, como preito de homenagem à vestuista e elegante torre de menagem que, muito justamente, se ufana por campear no seio de terra tão linda, após o que recolhe mos a nossas casas.

Eram 16 horas; tínhamos feito um passeio delicioso e percorrido 70 Km.: — Prado-Lamas, 19; Lamas-Peneda, 9; Peneda-Castro, 16; e Castro-Prado, 26.

*Finis, laus Deo!*

\*\*\*

Eis-me de regresso aos pátrios lares, curtindo saudades que pela safide na Invicta deixei... Que Deus me dê força para suportar resignadamente os meus sofrimentos, pois eu por mim já pouco posso mas com o seu auxílio tudo poderei.

Resta-me consignar aqui o meu indelével agradecimento para com todas as pessoas que procuraram minorar as minhas dores, nomeadamente ao sr. Manuel Lourenço (da Garagem) que levou a sua gentileza a pontos de não querer cobrar nada pelo meu transporte ao Porto.

Pois que Deus lhes pague!

— No pretérito dia 14, quando a caminheta do sr. Albertino Domingues, desta freguesia, guiada pelo seu irmão, seguia pela E. N. com um carregamento de toros de pinheiro, ao chegar a Alvarado, voltou-se; felizmente, não tendo resultado deste aparatoso desastre danos pessoais.

— E' já no próximo dia 5 de Junho que se há-de realizar nesta freguesia a Comunhão Solene das crianças, com a festa a Nossa Senhora da Fátima. Esta constará de missa cantada, sermão e procissão, e ainda de uma grandiosa procissão de velas na véspera.

Dada a competência e dinamismo da sua Comissão promotora — constituída por um activo grupo de gentis meninas desta freguesia — tudo leva a crer que esta festa vai surtir

## Remoães, 24

E' Remoães uma das mais típicas e formosas freguesias do nosso concelho.

Banhada pelo Minho, que a brinda com as suas doces águas e lhe oferece grande riqueza de peixe como a saborosa lampreia, e outras espécies, ali se ficou junto ao Peso, silenciosa, farta, rica de frutos, de vinho e de pão.

Não vai há muito, co-nheceu uma boa maré de progresso, com a Estrada do Sr. Luiz Monteiro, na Câmara, que juntamente com a Junta e povo, dotou a freguesia com uma estradainha por onde passa automóvel.

A igreja ocupa um lugar alto, a atestar a fé e religiosidade daquela boa gente como se nos quisesse dizer que a religião é o castelo, o baluarte, a riqueza das suas boas qualidades.

De há bastante tempo se faziam sentir na igreja paroquial de Remoães certos melhoramentos, que a tornassem mais bela e cômoda. A bem dizer, a primeira casa da freguesia é a igreja. Ali vive Deus, o Pai, dia noite, ali nos tornamos filhos de Deus pelo baptismo. Ali se unem para sempre cheios de amor os corações dos nossos rapazes e raparigas, criando junto de Deus o seu lar.

Na igreja de Remoães, trabalha com inextinguível dedicação uma menina cheia de bondade, e de amor pelas coisas de Deus, a Idalina Lamas, zeladora do Altar-mor. Outras a acompanharam nessa linda missão de tornar mais bela, mais perfumada e mais cômoda, a casa de Deus.

Resolveram os paroquianos de Remoães, de acordo e sob a direcção do seu bondoso pároco, o sr. P. e Firmo Gonçalves, beneficiar a sua igreja com algumas obras. Fez-se o orçamento e a despesa seria de 40.000\$ (quarenta mil escudos) o que para a terra é muito.

Mas o bom povo de Remoães, como o povo da nossa terra, que anima os corações das casas de caridade não chora o que dá para o serviço de Deus. Na sua pobreza cobre a todos.

E os quarenta mil escudos surgiram, ou vão surgindo, na altura própria e sempre oferecidos com a melhor boa vontade.

E assim do Brasil, o ilustre filho de Remoães, e importante industrial em dum brilhantismo retumbante.

— Passou alguns dias entre nós meu primo sr. José Arlindo Soares, de V. go.—C.

Petrópolis, estado do Rio, na rua Teresa, sr. Jaime da Cunha Lamas, enviou como primeiro donativo, a avultada soma de 5 000\$00. Estes e outros donativos que vêm do Brasil, mercê do câmbio, requerem uma avultada soma no país de origem. Mas os filhos de Remoães, que trabalham no Brasil, não se ficaram à espera de melhores dias e fizeram brilhante acto de presença.



Ex.<sup>mo</sup> Sr. Jaime da Cunha Lamas Grande benemérito da freguesia de Remoães e da sua Igreja.

O sr. José Pinheiro de Alvelos e sua esposa, sr.ª D. Maria Artemisa Silva Pinto Alvelos, industriais em Estância Sergipe, também Brasil, enviaram 1.000\$00.

(Continua na 3.ª página)

## SOMOS MAIS!

(Continuação da 1.ª página)

verna: — «Este modo de pensar (referência à tese de a «Igreja na Sacristia») mani-festam-no às vezes em público alguns leigos católicos, até altamente responsáveis, ao dizerem: «Os Bispos e sacerdotes, vemos-os com prazer, ouvimos-os e vamos ter com eles na Igreja, que é lá que eles tem autoridade; mas nas praças, e nos edifícios públicos, em que se tratam e resolvem as coisas da terra e desta vida, não queremos vê-los; nem ouvir-lhes a palavra. Nisto somos nós os leigos os legítimos juizes e de modo nenhum os sacerdotes de qualquer dignidade ou país».

E o Papa nessa luminosa alocução aos Cardeais, Arcebispos e Bispos de 2 de Novembro do ano findo, reprovava tais «erros».

E vale, Senhores, dar a vida, o dinheiro, o tempo, o sangue, a Deus, à Igreja, à Pátria!

Melgaçenses, somos mais. Deus nos ajuda. Vamos daí!

**Remoões, 24**

(Continuação da 2.a página)

Também o benquista comerciante no Rio de Janeiro, e filho de Remoões, o sr. António Xavier Esteves, ofereceu 500\$00.

Os srs. José de Sousa Monteiro e sua esposa, D. Marcolina Monteiro, da Quinta da Torre, no Peso que em tantas ocasiões e tão primorosamente significaram o seu amor por Remoões, ofereceram 1.000\$.

O sr. Luiz Manuel Exposto, digno 1.º sargento nas Caldas da Rainha e filho de Remoões, conquanto os seus vencimentos não sejam avultados, dá nos o belo exemplo de amor à sua terra e à sua Igreja, oferecendo 500\$00.

O sr. Manuel Pereira, de Penso, considerado capitalista em Lisboa e abastado proprietário nesta freguesia, contribuiu para as despesas com 500\$00.

E a sr.ª D. Purificação da Silva Rocha, proprietária do conceituado Hotel Rocha do Peso, ofereceu para as obras da igreja de Remoões que muito estima uma avultada soma de dinheiro.

A animar o bom povo de Remoões e a lista dos benfeitores da freguesia, como Pastor da Arquidiocese, com tantos encargos, Seminários, igrejas, colégios, imprensa, veio também o Sr. Arcebispo, que desde o início, nos dirigiu palavras de estímulo, e mais que estímulo, a sua avultada oferta de 400\$00.

Não pode a freguesia de Remoões esquecer, e não esquece, a alma de todo este movimento pró igreja, sempre atento, sempre amável, cuidando de tudo, de cartas, direcções, verbas, transportes, etc., o sr. António Barbeitos da Silva, digno membro da Junta de freguesia.

São 40 000\$00, carreados de tão longe e tão de pressa, e com tão boa vontade por toda esta boa gente que viram no sr. António Barbeitos da Silva o homem capaz de levar a cabo tamanha empresa em meio tão pequeno.

Não queremos finalizar esta notícia, forçosamente reduzida, sem levarmos ao sr. Engenheiro José Manuel Oliveira Valença, illustre Director dos Serviços de Urbanização, a quem o conculho já muito deve, as nossas saudações.

Sem a sua boa vontade, nada poderíamos conseguir. Aqui lhe consignamos os nossos mais vivos agradecimentos. E vamos até ao fim.

**Efemérides**

Em 1 de Junho de 1914, 1875, por decreto, o referido José Cândido Gomes de Abreu foi reconduzido no mesmo cargo de 2.º substituto do juiz de Direito da comarca de Melgaço.

Em 13 de Junho de 1765, faleceu em Paços, onde era natural, o rev. Francisco Gomes de Araújo.

Em 14 de Junho de 1775, também faleceu em Rouças o rev. Manuel António Pinheiro de Figueiroa, de Eiró, cura que foi da referida freguesia.

Em .. e, por hoje, mais lhes não diz o

Mário

**Por Paderne**

O nosso velho convento: E' obrigatória a reparação do nosso velho convento.

Como no nosso querido Jornal dizíamos, um dos sinais não se conformando com a sorte de estar de pendurado nuns paus corrompidos pelo tempo, numa das noites passadas resolveu deitar-se abaixo, com grande ruído. Alarmou os vizinhos pois julgavam que os queriam mudar de sítio

Os outros é muito natural que não havendo quem deles tenha compaixão queriam seguir o exemplo do primeiro, e se calhar com grandes desgostos, pois do modo como são pesados é muito natural que se partam e então nessa altura era uma vez o sino grande de Paderne.

Falou se que o Ex.º Sr. Vice Presidente da Câmara com um vereador, trataram na capital de conseguir com a Direcção Geral dos Monumentos Nacionais verba suficiente para a reparação deste e outros conventos pertença da referida Direcção Geral.

Torna se urgente a reparação, pois se assim continuarmos deixaremos de ter os sinos a convidar nos para actos religiosos, ou para qualquer eventualidade de que se possa dar, como por exemplo alarme de incêndio, princípio e fim de alerta na "Defesa Territorial", etc., etc..

A's autoridades competentes mais uma vez relembramos para acudir enquanto é tempo. — C.

**GRI... GRI... GRI...**

**Os pobres é preciso socorrê-los**

Num dia de que me ha via de lembrar?

Meto no bolso a lista dos meus fregueses, e, certa manhã de lindo sol, vamos eu e a minha bicicleta por essas freguesias, apurando que uns são realmente necessitados, outros nem por isso, e outros que não eram conhecidos na freguesia que tinham indicado como sua residência, e ainda outros que já os pais e avós não tinham nem que riam outro modo de vida.

Em virtude disso, como sabia que, em tempos o Rev. do Ricardo Neto, dignissimo Abade da freguesia tinha pensado na organização da «Assistência Paroquial», mas desistiu devido a desarmonias políticas, expus a S. Rev.ª todas estas peripécias, incitando-o a organizá-la naquela ocasião, e felizmente já funciona desde o dia 1 de Janeiro.

E, de tal forma vai correndo este serviço, que já é possível distribuir 110\$00 semanalmente pelos 10 necessitados da freguesia, e presentemente figura na escrita uma caderneta com cerca de 2.000\$00. Em Vila do Conde há organizada a «Assistência Paroquial», em várias freguesias, mas infelizmente em muitas delas não produz o efeito desejado. Apresentamos como modelo a freguesia de Fajozes que a tem estabelecida há 10 anos, e, além dos benefícios prestados aos necessitados da freguesia, já tem em caixa o dinheiro necessário para construir 12 moradias para pobres. Isto só é possível, quando haja boa vontade de todos e a precisa actividade dos dirigentes.

Não é possível a conclusão das obras de S. Rita?

Pois é incomparavelmente mais fácil a criação e funcionamento da «Assistência Paroquial». E, quando ela funcione em todas as freguesias, terá desaparecido a pedinchice, não deixando de ao necessitado se prestar o necessário socorro.

Como julgo isto interessar aos R. dos Párocos, tenciono brevemente publicar nesta secção o regulamento por aqui seguido, e, desde já, declaro que

gostosamente prestarei quaisquer informações a quem a tal respeito me pedir.

GRILO

**SOCIEDADE**

**ANIVERSÁRIOS**

Fazem anos - hoje a sra. D. Ermelinda de Faro e Rocha e o sr. Agostinho Alves; no dia 5 o sr. P. E. Justino Domingues; no dia 9 a menina Rosa Rodrigues Gomes e o sr. Alberto Caldas; no dia 12 a menina Rosa de Lourdes Caldas; no dia 14 os srs. António Fernandes (Penso) e Lindoso Salheiro de Oliveira, e no dia 15 o sr. eng. Edgar Tito Pinto Ribeiro.

**Anibal José Pereira**

Este nosso estimado amigo e assinante, zeloso soldado da G. F. em Aldeia Nova de S. Bento, Baixo Alentejo, encontra se em Cahviães, no gozo de 30 dias de licença. Que lhe aproveite.

**Baptizados**

Com os nomes de António Luís e Maria José, respectivamente, foram baptizados no pretérito dia 8, na Matriz da Vila um menino e uma menina, filhos do sr. Adelino Barreiro e de sua mulher, sr.ª Maria da Conceição Esteves. Foram padrinhos: do primeiro o sr. Armando Augusto Esteves e a menina Maria de Nazaré Araújo, e da segunda o sr. Armando Manuel de Oliveira Ferreira e sua esposa, sr.ª Ortelin da de Carvalho Ferreira.

— Na mesma igreja, também receberam as águas baptismas dois meninos gémeos, filhos do sr. António Alberto Fernandes, soldado da G. F., e de sua esposa, sr.ª Aida Bermudes Fernandes, aos quais foram postos os nomes de António e José, respectivamente. O último já faleceu.

Do António, foram padrinhos o sr. Manuel Ferreira e a sr.ª Maria do Carmo Domingues, e do José, o sr. Manuel Ferreira e a sr.ª Aida da Purificação Bermudes.

“A Voz de Melgaço” faz votos pelas felicidades dos neo cristãos.

**Um prémio**

Na exposição canina que ultimamente se efectuou em Lisboa foi premiado o cão do sr. Custódio Lino de Azevedo Lobo, de Castro Laboreiro.

# Miscelânea Penso, 26

## Da nossa flora — A camomilha

por MÁRIO

A camomilha, vulgarmente, mais conhecida por macela, é uma planta indígena da família das compositas, que cresce em vários lugares úmidos e inculcos do nosso alfoz, cujas flores dum amarelo vivo e em forma de maçã — donde o crisma macela — desabroçam pelo S. João.

Há várias espécies de camomilha, entre as quais, as mais conhecidas são a camomilha romana (*Anthemis nobilis*) e a camomilha — matricária (*Anthemis triticalis*) ou sejam as camomilhas mansa e brava, respectivamente. Ambas, por rém, são de cheiro balsâmico e sabor amargo que lhes dão propriedades estomacais e digestivas, sendo, por isso, muito empregadas em medicina, chegando os antigos a empregá-las contra a febre. A camomilha matricária é de efeitos menos activos e de gosto mais desagradável do que a camomilha-romana.

A tisana de camomilha, vulgarmente, chá de macela, facilita, sobretudo, a digestão. Deve fazer-se com cinco ou seis cabeças por chávena, em infusão ligeira, e preparar-se de véspera, deixando a macerar ao relento da noite. Porque é muito excitante, não deve tomar-se se o estômago estiver irritado ou inflamado.

### ANEDOTA

Na extinta Delegação Concelhia da I. G. A., certo campónio inscreve-se para o respectivo boletim de racionamento.

— Nome...? Pergunta o funcionário.

— Lucas Panerácio!

— Casado...?

— Casado!

— Com prole...?

— Não, seor, com Felicia Felizarda!

— Homem, não é isso que eu pergunto... se tem filhos...?

— Ah isso, sim, sim... tenho um prole e uma prola para servir a vossoria.

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

E vi tartufos e atéus Na igrája a rezar, Vi... porém, graças a Deus, Pois que tudo foi a... ng r.

### "TÃO TÃO,"

Naquele ano em Melgaço o calor foi tão intenso, que foi preciso cobrir as galinhas com gelo para... não porem seus ovos cozidos.

### RETRATO

Amigo fixe, cujo regalo São: a pinguita, as cervejas E, também, dar ao badalo. Conhecem no... é o Igr..

### CURIOSIDADES

Com certa razão, se ufa na o povo de Foz Tua por na sua localidade ouvir cantar os galos de três freguesias, três concelhos, três distritos e três dioceses. Está certo... mas... nós aqui em Melgaço, temos tu do isso e inda algo mais. E' ali em Cevide, onde também se ouvem cantar os galos, não, de três mas de quatro freguesias: Cristóval, Quintela, Freixo e Desteriz; três concelhos: Melgaço Crescente e Pa drenda; três comarcas: Melgaço, Arbo e Bande; três distritos: Viana do Castelo, Orense e Pontevedra; três dioceses: Braga, Tui e Orense; duas provincias: Minho e Galiza, e duas nações: Espanha e Portugal.

Como se vê, a « camisola amarela » pertence nos...

### EPIGRAMA

Certo freguês, entra no «Bateiro»,

E diz: (apontando p'ras botas)

— Quero meias como estas, companheiro!

— Impossível responde o caixeiro,

Aqui não vendemos meias... rotas!..

### PARADOXO

Além da despesa, e de todos sobejadamente conhecido o exaustivo trabalho que a cultura do vinho acarreta ao vinicultor, em que este depois de podar, atar, enxofrar, sulfatar, vindimar e outras operações terminadas em ar, é obrigado a vendê-lo à razão de 1\$20 o litro.

Pois; senhores! a V.

Está a findar o mês de Maio em que o lavrador se esforça no trabalho e pouco descansa, levantando-se muito cedo para dar de comer ao gado e depris segue o seu destino para o campo, agarrando-se à chamada rabiça do arado: Vira a terra com a fé em Deus que o ajude para lhe dar o pão!..

Deus Nosso Senhor ajude os bons intencionados e que lhes sejam abençoados os seus trabalhos.

Nós estamos cercados de Santinhos que os habitantes muita fé tem neles — São os seguintes: S. Tomé, que se encontra na sua capelinha na serra, S. Bartolomeu, Santa Comba, S. Tiago, padroeiro desta freguesia, e Senhora do Perpétuo Socorro, e outros.

Penso é uma aldeia linda muito linda, pelos aspectos dos campos. Novos prédios mandados fazer pelos filhos da terra pelo amor do berço.

Neste conceituado Jornal «a Voz de Melgaço», — tem se falado no progresso de um novo talho na Vila de Melgaço. Conheço o proprietário interessado desde criança. E' pessoa competente e muito habilitado na arte de carnes bovinas como de suínos. As suas finanças são abundantes e sólidas para ser cumpridor de todos os seus actos. E' uma pessoa de bem dando a César o que pertence a César. A sua piedade é notória. Os habitantes de Melgaço (Vila) ficam todos descontentes, caso se não realice o indicio do talho com todas as formalidades que a lei exige mas infelizmente o meu amigo António Faro — parece que está desinteressado em legalizar o referido talho na Vila de Melgaço. Alguém será culpado...

— No dia 26 do mês de Junho está projectada a festa de S.ta Comba, em Felgueiras.—C.

M. P. S; que não podou, atou, enxofrou, sulfatou, vindimou nem fez quaisquer outras operações termina das em ou, vende a sua (sua?) água a 1\$50 o litro! — Isto na bica porque al gures... upa! upa! upa!..

E' isto ou não um paradoxo...? Ó gente!..

### FECHO

Amigo Barnabé, não to mes café: toma «cevadé»,; mas olha, Barnabé que ce vada boa só é a do Pereira (José).

# A nossa terra

## na PENA DOS ESCRITORES

### A noqueira de Paderne

— O quê? Vão cortar esta árvore? — rugiu o velho Maldonado de Anha, trémulo, fitando o rapaz.

— Não sei. Foi o senhor Brás que mandou.

— A noqueira de Paderne?! Então o senhor Brás manda cortar a noqueira de Paderne, e o povo não se revolta, os sinos não tocam a rebate?

O honrado homem, apoplético de indignação, tremendo da cabeça aos pés, avançou para o garoto, a bengala no ar, como se ele tivesse a responsabilidade do crime que se projectava. Depois, caiu em si; enxugou com o lenço de Alcobaca a fronte inundada de suor; e, pedindo-me que esperasse um instante por ele, deitou a correr pela horta, seguido do rapaz, a gritar, em altos brados:

— Destroem tudo! Dão cabo de tudo, neste país!

Fiquei sôzinho naquele quintal de frades, sentado num dos bancos de pedra, a olhar em silêncio a grande noqueira condenada. O que a árvore é para o homem, e como o homem, na sua ingratitude, lhe paga mal! E ela que o veste, que o alimenta, que lhe dá a frescura das sombras, a polpa ressumada dos frutos, o arado romano da lavoura, o pociro das vindimas, o carro, a nora, o barco, o berço em que ele nasce, o esquife em que o enterram; é a árvore que o protege dos ventos, que purifica e embalsama o ar que ele respira, que nas longas noites de inverno se desfaz em brasas para o aquecer; é a sua companheira, a sua amiga, a sua irmã; — e, apesar disso, com que dureza de coração ele a fere, e a lacera, e a maltrata, e a abate inutilmente, só pelo prazer bárbaro de destruir, pelo instintivo rancor a toda a criatura viva que, na superfície da terra, se eleve a maior altura do que ele! Se não existisse a árvore, o homem, criação da «cidade de ouro»; não teria podido sobreviver. Que seria do felpudo, do ingénuo pitecantropo erecto, «missing link» entre o antropoide e o homem, se a árvore o não abrigasse dos temporais, se as folhas o não vestissem, se o não alimentassem os frutos, — a ele, que ainda não sabia matar com tanta perfeição como o seu feroz descendente, nem com o grão das searas levar o pão, nem com o bago da uva fermentar o vinho? Depois de Deus, foi a árvore — a Mãe Verde — que fez o homem; que o nutriu aos seus peitos; que o embalou no seu regaço; que, com a música dos ninhos, o ensinou a cantar e a chorar.

Nas primeiras idades, nas primitivas civilizações — eu bem sei — o homem adorou a árvore, construiu no meio dos bosques os seus templos brancos, sagrou os loureiros, os carvalhos, os ciprestes, povoou a floresta dos seus deuses, — faunos hirsutos, silvanos risonhos, dríades e amadriades nuas, cujos corpos brancos rebolavam voluptuosamente na relva fresca. Mas os deuses passam depressa — que seria de nós se assim não fosse! — e o homem, emancipado, esqueceu-se de que devia tudo à árvore.

Os descendentes dos velhos dendrólatras tornaram-se arboricidas. O próprio espírito cristão, considerando o culto dos bosques uma concepção pagã, contribuiu para a guerra às árvores. Por toda a parte, em todos os continentes, os criadores de cidades modernas derrubam troncos, arrasam florestas, têm — como os marroquinos — a obsessão da planície árida, escaldada, tisonada do sol. E, entretanto, nós precisamos cada vez mais da árvore. Se já não dependemos imediatamente dela, se ela já não nos abriga sob a sua copa frondosa, se já não nos protege das feras e das tempestades (hoje, o grande senhor do mundo habita palácios e devora cadáveres), nem por isso a árvore deixa de ser útil ao homem. Que seria de nós, se as florestas não regulassem o regime das chuvas, não impedissem a desnudação das rochas, não dirigissem o curso das nascentes de água, não purificassem a atmosfera, não corrigissem a temperatura, não dessem à natureza essa espiritualidade, esse sentimento edênico, que nos fazem achar doce a vida e belas as paisagens? E pelas árvores — mais do que pelos prados ou pelas montanhas — que se comunica à nossa alma o sentimento fraterno da natureza.

Por isso os artistas as sentiram e as amaram sempre. Por isso Petrarca mandou plantar um loureiro sobre o túmulo de Vergílio. Por isso Tolstói pediu que lhe dessem uma sepultura humilde «rodeada de árvores». Foi essa

(Continua na 5.ª página)

## Porque rareia o salmão Rouças, 25

### NO RIO MINHO

Não há dúvida de que no rio Minho está próxima e à vista de toda a gente a completa extinção dos salmões.

E, no entanto, este prodigioso curso de água poderia ter, segundo cálculos feitos pelos entendidos na matéria, um coeficiente biológico de 60.000 a 90.000 salmões por ano.

As afamadíssimas trutas mariscas (*salmo trutta*), de que o rio Minho já foi e poderia continuar a ser um formidável manancial, vão também a caminho do desaparecimento.

São causas desta catástrofe as artes de pesca que estupidamente se têm usado e continuam a usar até que a voz do bom senso determine que se faça alto nesta vertiginosa corrida para a perda do que poderia ser, e tenho esperança de que ainda venha a ser, um dos melhores rios salmoneiros do Mundo.

São as redes, que, lançadas de margem a margem, têm causado prejuízos enormes nos salmões, pelo facto de estes príncipes das águas não encontrarem espaço livre para subir, quando se encaminham para a desova.

São as redes denominadas «algerites», que na foz do Minho têm causado verdadeiras razias, não só nos salmões que entram para a desova, mas também — o que é pior — nos alevins que descem o rio e se preparam para a sua misteriosa viagem através do mar, donde voltariam dentro de pouco tempo transformados em peixes corpulentos.

Pescam-se desta forma alevins com 200 g de peso, que, dentro de dois a três anos, seriam salmões de 8 kg, 10 kg e mais.

Já se pescaram alguns com 24 kg de peso.

Vêm depois as redes «varredouras», que nos poços, onde as trutas mariscas se juntam para desovar, varrem, a partir de 15 de Setembro, tudo o que lá se encontra.

Houve um dia em que num desses poços, e com uma só rede, se pescaram 500 kg de trutas mariscas que estavam juntas para desovar e, claro, não desovaram.

A esta acção destruidora das redes acrescem ainda os malefícios causados pelos aparelhos chamados «butirões», que nas «pequeiras» — a maior parte das quais foram ilegalmente construídas de novo ou aumentadas ou aperfei-

coadas —, destroem quantidades enorme de alevins que descem o rio a caminho do mar.

São estas, assim, sucintamente enumeradas, as principais causas do estado catastrófico a que chegou o belo e prodigioso rio Minho.

(Do avi-o prévio do deputado  
Cerveira Pinto)

## Chaviões, 23

Sei que a minha última correspondência acerca da nossa estrada não agradou a algumas pessoas, por que se julgaram ofendidas. Não tenno que pedir desculpa por que tudo que sai pelo bico da minha caneta é só a verdade e nunca procurei ofender ninguém pois ela só tem um fim único: trazer o progresso e o bem estar da nossa freguesia e eu como bom soldado, não me afastarei desta nobre missão e sempre que seja preciso ventilarei todos os acontecimentos que me não agradem.

Desta vez viro o bico ao prego; em vez de chamar a atenção das dignas autoridades, chamo-a a dos transeuntes, para se acautelarem de algumas bicicletas que em corridas vertiginosas utilizam esta estrada para zona de corridas, principalmente à saída dos actos do culto da nossa igreja. Oxalá que eu me engane, mas prevejo que dia mais ou menos teremos o primeiro desastre. Agradecemos à digna G. N. R. o resultado magnífico da sua última partrilha feita a esta freguesia.

— A comissão de moradores de S. M. Madalena, nossa padroeira, prossegue afanosamente na angariação de donativos, para a sua festa, em dia a designar no próximo mês de Julho.

Este ano deve ser mais concorrida do que nos anos anteriores porque graças a Deus e aos amigos desta freguesia já se pode ir até à porta da nossa Igreja de automóvel.

— Completa mais um ano de boa e útil existência no próximo dia 1 de Junho o nosso querido quinzenário «a Voz de Melgaço». Este correspondente deseja-lhe um progresso cada vez maior e uma existência sem limites e muita saúde aos seus ilustres directores e colaboradores.

— Para França partiram há dias, os surs. Manuel Alves e seu filho, do Fecho.

— Em Espanha, quando se dirigiam para Madrid, foram presos os snrs. José Marques, dos Carvalhos, Manuel Fernandes, do Monte, e Eduardo Rodrigues de Sousa, da Cela. Oxalá voltem logo para suas casas.

— A gosar uns dias de férias encontra-se no lugar da Eira, o nosso amigo, sr. Júlio de Sousa Domingues, digno agente P. de Viação e Trânsito em Monção.

— No dia 22 de Maio foi baptisada na nossa Igreja a menina Irene, filha do sr. Manuel Gonçalves e Deolinda Rodrigues, da Seara. (Seara é ali acima de Sta Rita como sabem).

— E no dia 23, foi baptisada uma menina, de Corções, filha do sr. Aníbal e de Aida da Glória Alves, caseiros nas terras do falecido sr. Lino.

— Quando no passado dia 26, o menino Manuel José Lourenço da Verdade se dirigia do colégio para casa, na cidade de Braga, deu uma queda e fracturou um braço. Por esse motivo seguiu para a cidade do Porto acompanhado pelo sr. António de Melo a fim de consultar um especialista de ossos. Verificou-se que tem de se submeter a uma operação cirúrgica. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

— Também no passado dia 30 seguiu para Lisboa, a fim de se alistar na P.S.P. o sr. Arménio de Melo, de Cavaleiros. Que seja muito feliz.

— Prossegue a devoção deste mês a N. Senhora, Mãe do Céu, na nossa igreja parochial, cada vez com maior assistência de fiéis. O nosso rev. pároco, nas suas eloquentes pregações, que vêm sempre muito a propósito, continua a falar nos das virtudes e vida de N. Senhora.

— Partiu para Braga a ocupar um lugar de funcionário público numa das repartições dessa cidade, o nosso amigo, sr. Firmino José de Carvalho. Que seja feliz, são os nossos votos.

— Completa mais uma risopha primavera, no dia 24 deste mês, o jovem Orlando José Alves, filho muito querido do nosso grande amigo sr. Aníbal José Alves, já falecido e de sua querida esposa Rosa Pinto.

E no dia 28, o jovem António Aníbal Alves, também filho do sr. Aníbal J. Alves e sua querida esposa. Por tão feliz data, vão ser muito felicitados.

— C.

## Santa Rita

Afim de transportar as últimas telhas e cumprir uma promessa estiveram no passado dia 15, no Mosteiro de Santa Rita as meninas:

Olívia da Conceição dos Santos Lima, Julieta Reis, Zélia Rodrigues, Margarida Nazaré de Sousa e as senhoras, Rosa Figueiredo, Maria Soares, Maria Esteves e Tereza de Jesus Gomes todas da Carpinteira.

Por isso felicitamos esta boa gente da Carpinteira, que tanto tem contribuído para as obras deste Mosteiro, quer em dinheiro quer no transporte dos materiais e ainda quiseram mais uma vez dar o bom

exemplo aos vizinhos de Santa Rita, mostrando que foram elas que alegremente subiram aqueles caminhos transportando as últimas telhas.

Depois de descansarem um pouco, colocaram no altar um magnífico ramo de flores, oferecido pela menina Olívia da Conceição, darem as suas ofertas e resarem a Santa Rita, voltaram embora muito satisfeitas, dizendo que sempre que haja materiais para transportar, a Carpinteira lá ubirá as vezes que fizer falta.

Abençoada gente esta e Santa Rita lhes agradeça.

Arménio

## A Nossa terra

(Continuação da 4.ª página)

emoção profunda que fez dizer a Ruskin: — «Plantai árvores, para dar sombra à humanidade de amanhã!»

Eu mesmo, que naquele instante, sentado no poial de pedra da horta dos frades, olhava, com os olhos marejados de lágrimas, a nogueira centenária de Paderne, estava possuído de um sentimento difícil de traduzir em palavras. Já não era apenas uma árvore que eu via; era a floresta inteira; era, na floresta imensa, germinada, brotada em exaltação e em glória, a terra fecunda de Portugal, a própria alma da pátria. Diante dos meus olhos, num deslumbramento, erguiam-se, ramalhavam, resplandeciam, coroados de nimbos, cercados de auréolas como gigantes beatificados, os freixos, árvores da morte, que deram as lanças a Nun'Álvares; os pinhais de D. Dinis, que se desfizeram em remos e em mastros para as caravelas do Infante navegador; os castanheiros, os cedros, as cerejeiras, os sobreiros, os carvalhos em cujo lenho mãos de epopeia ou de humildade entalharam o báculo refulgente de frei Bartolomeu dos Mártires, abriram o tabuado forte das naus da Índia, cortaram as cruzes dos missionários, as hastas dos pendões de guerra, as varas do pálio chispante de ouro que cobriu a glória imperial de Albuquerque; todas as mãos do povo, retábulos nas velhas catedrais, bailéus nas torres dos castelos, cimbras nas ogivas esbeltas de Santa Maria da Batalha, — as maravilhosas ogivas que a minha imaginação exaltada julgou ver por momentos, flamejantes de vitrais; erguidas em gestos de assunção e de bênçãos, nos ramos altos, nos troncos entrelaçados daquela nogueira enorme condenada a morrer...

Nisto, um ruído de vozes interrompeu a minha meditação. Era Maldonado de Anha que voltava, acompanhado do garoto e do senhor Brás, em cuja cabeça, atada num lenço vermelho de Espanha, se via agora um grande chapéu minhoto. Vinha ligeiro, risonho, inundado de júbilo:

— Está salva a nogueira de Paderne! — gritou ele, de longe, abrindo os braços.

Tinha, de facto, comprado a árvore — honrado homem! — com a condição de ela continuar a viver e a ramalhar, frondosa e majestosa, na horta dos frades erúzios. E quando eu pensava que o meu amigo, sempre de braços abertos, vinha abraçar-me com efusão, — foi para o tronco da velha nogueira que o vi caminhar: cingiu-o, estreitou-o, acariciou-o com as mãos robustas, encostou ao córtex verde de líquens a sua nobre cabeça branca, e chorou em silêncio, religiosamente, duas grandes lágrimas de alegria!

O sol queimava. Na cintilação da atmosfera, a fronde da grande nogueira erguia-se como um clarão, como uma labareda viva. E eu, comovido, olhando aquele abraço panteísta de dois velhos, vi nele o perfeito símbolo da união fraterna e milenária da árvore e do homem.

JÚLIO DANTAS

# Da Vila

Maio, 25.

## O QUE É O «PROCESSO RANHADA»

Todos os proprietários de pinhais e os industriais de resinagem sabem — ou deviam saber... — que a legislação portuguesa não permite que entre nós as incisões para a «sangria» dos pinheiros tenham mais de 9 a 10 centímetros de extensão. Os resineros, porém, servindo-se do conhecido «hack» americano, umas vezes por simples descuido, outras por falta de pericia, ultrapassam aquela dimensão, o que, além doutros aborrecimentos, lhes acarreta pesadas multas.

Foi, pois, para obstar a estes inconvenientes, que o nosso estimado conterrâneo e consagrado desportista sr. José Guerreiro Ranhada imaginou um aparelho destinado a revolucionar inteiramente o método de extracção da resina, encontrando-se, ao que parece, já devidamente patentado sob o nome de «Processo Ranhada». Trata-se dum rectângulo, de 9 centímetros de comprimento e de bordos afiados, que, mercê duma pancada vibrada sobre seu cabo de aço com um maço de madeira, penetra perpendicularmente no pinheiro, evitando incisões maiores ao que a sua dimensão e impedindo atingir-se o lenho, o que não acontece com o tal «hack». Simples, prático e... económico — uma espécie de ovo de Colombo que já ultrapassou as nossas fronteiras, levado para França pelos técnicos de resinagem srs. Etienne Bertail e Rigron du Marensin que tendo recentemente visitado Viana do Castelo, atraídos pela fama dos pinheiros e pelo «Sistema de Activação» (Cark-chipping system, ou seja a pulverização da incisão com ácido sulfúrico para se obter a exsudação da resina) ficaram vivamente interessados no novo processo inventado pelo sr. José Ranhada, pelo que este lhes ofereceu um instrumento completo que os mesmos disseram iam apresentar à Comissão de Estudos e Investigações que funciona em Bordeus.

Ao querido amigo e conterrâneo aqui lhe consignamos as nossas calorosas felicitações.

**Obito** — Com 63 anos, faleceu, no passado dia 6, nesta Vila, o nosso prezado amigo sr. Leonel Bermudes, casado, antigo funcionário administrativo, homem probo, muito estimado e conhecido em todo o concelho.

O seu funeral, realizou-se no dia 7, com extraordinária concorrência, sendo a urna conduzida na carreta dos B. V. e organizados vários turnos pelo percurso.

A toda a família enlutada, nomeadamente a sua viúva, sr.ª Germana Alves e a sua filha, sr.ª D. Aida da Purificação Bermudes Rodrigues, aqui deixamos a expressão sincera do nosso sentido pesar.

**Festa da Ascensão** — Em 19 do corrente, realizou-se nesta Vila a tradicional festa em honra da Ascensão de Nosso Senhor, outrora a mais importante festa do concelho. De manhã, na Matriz, foi celebrada missa solene a grande instrumental, tendo, ao Evangelho, subido ao púlpito o rev. Arcipreste.

Pelas 11 horas, saiu uma magestosa procissão para a histórica capela da Orada, donde regressou ao cair da tarde e onde teve lugar um concorrido arraial abrilhantado pela nossa Banda.

Está, pois, de parabéns o único membro da Comissão promotora, sr. João Hilário Gonçalves, já que os outros bateram em retirada...

**Para o Céu** — Foi Deus servido chamar para Si o menino José Manuel Fernandes, chorado filhinho do sr. António Alberto Fernandes, zeloso soldado da G. F., e de sua esposa, sr.ª Aida Bermudes Fernandes, a quem apresentamos sentidos pésames.

**Mês de Maria** — Tem tido sempre numerosa assistência de fiéis a piedosa devoção que em honra de N. Senhora se vem realizando na Matriz desta Vila — devoção repassada de ternura e mimo que é um meio efficacíssimo para robustecer a piedade cristã.

**O tempo e a agricultura** — Tem chovido abundantemente, o que veio na pior altura; pois, sobretudo, para os vinhedos — que começaram a florir — são por demais conhecidos os efeitos que a chuva nesta altura lhes faz... Para os centeios, fenos, etc., etc., também a mesma é nociva.

— Aos interessados, lembramos que em Junho podem semear: — alfices, beterraba para salada, cenouras, chicória, couves diversas — especialmente bróculos e couve-flor — ervilhas (x) feijões (x) mostarda, nabos (fim do mês) (x), rabanetes, salsa, etc.. Nas terras de lima, ainda se podem plantar batatas.

## Nossa Senhora de Fátima

Esta nossa boa gente de Melgaço é sem dúvida, «belo-horrível» da Minho dentro a população da Ar teira, em Parada do Monte. Em todas, todas as freguesias.

Maria Santíssima Nossa Mãe.

Nem podia deixar de ser. Lá no alto, a dominar tudo, como Senhora e Rainha, em castelo altaneiro, inexpugnável, N. Senhora da Peneda. — Não são domínios de Melgaço aqueles; nem era preciso que os filhos de Deus não conhecessem fronteiras.

Nas verandas da Gave, ali pertinho dos domínios de Monção e Arcos, na solidão daqueles montes úberes, fartos, N. Senhora da Guia, e, junto a Espinha, nos confins de Castro Laboreiro, N. Senhora de Ananção.

Junto à estrada de Monção a Melgaço, logo na primeira freguesia, em Penso, a Senhora da Cabeça, uma das devoções mais queridas do concelho.

Toda a nossa terra é domínio de Maria. A sua capital, a capital desta nossa pequenina Pátria, Melgaço é a freguesia de Santa Maria da Porta.

A Orada, tão grande pela beleza daquele monumento, tão velhinha, que a sua vida se conta por séculos, lembramo-nos com saudade da romagem do povo de Melgaço e de fora, rezando e cantando a Nossa Senhora, estrada adiante.

Em Paderne a freguesia mais populosa do concelho, a Senhora do Rosário, tão venerada, tão estimada pelo concelho e N. S. dos Remédios, de Sante.

Fiões, essa terra alta neira que nos oferece um velho convento, de tão saudosas recordações, antiga, velhinha, cheia de merecimentos, onde tantas almas puras resavam e cantavam ao Senhor pelas noites gelidas de inverno, ou nas formosas e claras manhãs de primavera é consagrada a Maria. Nossa Senhora dos Milagres, da Vista, do Socorro, do Livramento, são outras tantas capelinhas brancas, formosas, cheias de poesia, que nos revelam o amor daquele bom povo a N. Senhora.

E N. Senhora de Lurdes, em Paços? E N. Senhora de Fátima na Portela, de Chaviões? E nossa Senhora da Vista, lá baixo nas profundezas impresso

antes de um esplendoroso «belo-horrível» da Minho teira, em Parada do Monte. Em todas, todas as freguesias. Falar do amor dos melgacenses a Maria Santíssima é recordar essas inescapáveis jornadas marianas, pelas madrugadas de Outubro, a caminho das igrejas paroquiais, para a devoção do Rosário. E' falar das lindas romarias, tantas, tão bonitas pela roda do ano adiante, cheias de frescura, de poesia, de encanto.

E' falar dos meses de Maio, com a Igreja e altas, ricas de flores, cheias de perfume e de cores... E' falar das comunhões, fervorosas, solenes, plenas de unção dos rapazes, raparigas, velhinhos, crianças... E' falar nessa contribuição tão cheia de mimo, de ternura, das trezenas de Fátima, a N. Senhora. Basta dizer que em 10 anos o Sr. P. e Justino mandou de todo o concelho, 15.000\$000.

Sim! Melgaço é terra de Maria.

Mas é o Facho, esse lugar privilegiado, onde Melgaço, pode dizer-se, ao menos pelo coração, erigiu um altar bonito em tre pedras e verduras, rosas e árvores, entre os rios Trancoso e Minho, à Mãe de Deus.

Que maravilha! Uma paisagem destas, de tão largos horizontes, de tão arrebatadora imponência e ao mesmo tempo, de tintas sóbrias, macias, aveludadas, das margens do Minho, é bem o supedâneo, a entrada desse formoso altar à Virgem!

E' ali que o dia 13 de Maio tem a melhor festa cá no concelho.

A bem dizer, supomos que só uma freguesia das 18 da nossa Terra é que ainda não tem a imagem de N. Senhora de Fátima. Em todas as outras, pequenas, doces, simples, cheias de encanto, umas maiores, magestosas, formosas, outras e todas admiráveis de candura, essas venerandas imagens (Ela está no Céu!) ocupam um lugar de predileção, de delicadeza em todos os corações de Melgacenses.

Mas é o Facho o centro, o altar do concelho erguido em tão formoso local a Maria Santíssima.

De aço para ano, cres-

ce o número deromeiros. Camionetas, carros, motos e bicicletas, vindos de longe, de Portugal e Espanha,romeiros aos milhares, a pé, em dura penitência ou sentados no cimo dos automóveis ali sobem estes a rezar e a cantar...

Este ano, o rev. pároco da freguesia, Sr. P. e Maria, novo ainda na terra, e cheio de zelo pelas coisas de Deus, entendeu que a festa devia ser quanto possível, como a de Fátima.

Não devia ter o conjunto profano das outras festividades. Só assim se compreenderia com toda a pureza e fulgor a mensagem de N. Senhora na Cova da Iria.

E assim foi. Rezou-se e cantou-se a N. Senhora. E aquele benedito local, formoso, bonito, cuidado, frente ao Céu, ofereceu neste altar de rosas e de corações puros um lindo dia de comunhão com Deus e com sua Mãe.

Não nos distraímos com a Terra. Deixamos o arado, as enxadas e fomo-nos para ali. E ali nos sentimos mais perto de Deus. O Sr. P. e Linhares, orador da festa tomou os nossos corações, encheu-os daquelas formosas disposições que tanto agradam à Mãe de Deus e levou-nos até junto de Ela e ali nos ficamos tão bem, socegradamente, que nos apeteceu dizer como o Apóstolo: —

mas que bem que aqui se está. O Facho poderá ser um dos grandes centros marianos de Melgaço.

Pois que o Facho nos lembre a Cova da Iria.

## Parada do Monte. 24

**Casamento** — No dia 19 consorciaram-se António Esteves da Ferreira, do lugar do Tablado, com a menina Benância Martins do lugar da Peneda, freguesia da Gaveira, do concelho dos Arcos de Valdevez. Ao novo casal desejamos lhe um lar muito feliz.

**Mês de Maria** — Está se realizando nesta freguesia com muita devoção o mês de Maria, o mês das flores, consagrado à nossa Mãe do Céu, Maria Santíssima.

**O tempo e a agricultura** — Os nossos lavradores já acabaram de lavrar as suas terras estando agora sulfatando as videiras. Tam-bém já se principiou os sacos do milho.

Diziam os velhos que sachar em Maio e reandar em S. João que é trabalho em vão. Mas este ano se o tempo continuar bom como tem ido, com certeza vai se sachar muito milho em Maio, e reandar em S. João.

Partiu hoje para Cascais o Sr. José Esteves do lugar da Lagarteira. — C.

— Sulfatagem, enxofração, sachas, mondas e regas frequentes.

— Capar os melões; ceifar os centeios, e alporcar os craveiros.

(x) — Onde não falte água para rega.

Dia de S. Barnabé (11)  
seca a palha pelo pé.

## Conheçamos a nossa terra

(Continuação da 1.ª página)

Vamos desfolhar algumas páginas do passado.

O mosteiro de Fiães era da Ordem de S. Bento em 1142. Passar daí para trás, e chamar-lhe de S. Crisóstomo como vários autores não sei fazê-lo por falta de documentos. Desde então os documentos que existem de seu cartório dão-lhe o título de Santa Maria de Fiães e não outro. Em 1173 é expressamente mencionada a Ordem de S. Bento e em 1194 já se menciona a ordem de Cister. Foi, pois neste intervalo que Fiães aceitou a reforma introduzida por S. Bernardo.

Alguns autores consignam data anterior, mas os documentos assim o atestam. Abstraindo das datas dizem vários autores que vieram de Alcobaca para Fiães as reformas da regra, e que os frades de Fiães fundaram uma povoação com esse nome para memória. De facto, 1210 já existia a Alcobaca de Fiães como terra bem conhecida, pois em maio desse ano um tal Mendo Pais fez testamento a Fiães «de um casal que chamam do Gavião, no termo da Alcobaca». Lá existe ainda o lugar do Gavião que hoje pertence à freguesia de Lamas de Mouro.

Como já tive ocasião de escrever, os limites do couto primitivo de Fiães iam de Penha de Ervilha por Costa Má e desciam por Curro de Lobo no rio Doma, que hoje se chama Trancoso.

A Alcobaca devia ficar de fora. Em 1693 o D. Abade evoca ainda a «jurisdição isenta quase episcopal, sobre os moradores destes Coutos, Fiães, Assureira e Lapela etc. A Assureira, lugar espanhol, fica entre Alcobaca e Rumpelilha. Seria título civil de Couto o lugar de Assureira? Dos títulos do D. Abade depreende-se que eram três coutos: Fiães, Assureira e Lapela. Que Fiães era Couto ninguém o contesta. Que Assureira e Lapela também fossem coutos, presumo-o. Alcobaca estaria no de Assureira? Talvez.

Vamos a outro assunto. Fr. Agostinho de Santa Maria não acertou ao dizer que Fiães tomou por padroeira a Santíssima Virgem quando adoptou a regra de Cister.

Como já disse, era anterior esse título. Diz nos que os Monges de Fiães trouxeram uma imagem de Nossa Senhora

quando receberam a reforma de Cister e que essa imagem, de pedra, era milagrosa. Sendo de pedra, arruinou-se e foi depois substituída por uma de madeira.

Não sendo verdade que Fiães só nessa altura ficasse sob o patrocínio de Santa Maria, é uma hipótese a admitir que a milagrosa imagem seja a Senhora dos Milagres, padroeira da capela da Alcobaca. Conjugando as tradições com os documentos autênticos temos:

a) — Fiães receberia do mosteiro de Alcobaca a reforma de Cister, entre 1173 e 1194.

b) — Os religiosos que foram buscar os estatutos traziam consigo uma imagem de Nossa Senhora, por cuja veneração se operavam milagres;

c) — Os frades de Fiães quiseram perpetuar o facto dando o nome de Alcobaca a uma povoação que fundaram, antes de 1210;

d) — O bispo de Tui consegue que eles levantem uma igreja nas novas povoações para prestar assistência espiritual aos trabalhadores, igreja que foi dedicada a Santa Maria de Rumpelilha e construída antes de 1243 ano em que sobre a mesma, elevada a paróquia, foi estabelecido acordo entre o bispo e o mosteiro.

E, pois, de admitir que em Alcobaca fosse a dita igreja de Santa Maria de Rumpelilha, e os terrenos que têm esse nome seriam talvez, o seu património.



Convento de Fiães em estilo românico, anterior à fundação da nacionalidade.

Também poderia estar no sítio de Rumpelilha a igreja primitiva e seria de pois transferida para a Alcobaca por conveniência, devido a ficar Alcobaca em Portugal e Rumpelilha em Espanha.

Como já escrevi várias vezes, Fiães tinha sob sua jurisdição o espiritual dos lugares de Assureira e Lapela (e parece que também a Cela) que ficam em território espanhol e foram incorporados na paróquia de Parenda quando lhes arrebatou o Governo Espanhol por ter feito o mesmo o nosso governo com uns lugares lá para Tourém (Trás-os-Montes) que estavam sob a jurisdição do bispo de Orense. Foi isto há oitenta e tal anos.

A gente desses lugares é de características portuguesas, ajudam a fazer a festa de Alcobaca em 29 de Junho e constou-me que um morador de Assureira interfere na administração da capela.

Aproveito a ocasião para informar os curiosos de que a povoação de Alcobaca pertence parte à freguesia de Lamas de Mouro e parte a Fiães, dividida pelo caminho antigo de Castro Laboreiro a Melgaço.

Voltemos à freguesia de Rumpelilha. Não sei quando acabou a sua personalidade paroquial.

O meu ilustre colega no sacerdócio, contemporâneo do Seminário e actualmente assistente da faculdade de letras em Coimbra, Dr. Avelino J. Costa a quem devo inúmeras referências em questões de pesquisas históricas, informou-me que em documentos dos séculos XIV e XV

## Mário

## No Aniversário

(Continuação da 1.ª página)

Já regressou do Porto, em cujo hospital de S. António esteve em tratamento; a Prado, este nosso querido amigo e distinto colaborador.

Nossos cumprimentos.

encontrou as seguintes referências: «O mosteiro de Fiães da ordem de São Bernardo tem anexas Santa Maria de Rompelilha e Santa Maria da Orada da terra de Melgaço, e «Santa Maria de Rompelilha ermida, terra de Monforte».

Pelos termos da segunda citação depreende-se que já não era paróquia Santa Maria de Rompelilha, por ser chamada ermida.

No Livro da Bolsaria de Fiães encontra-se em 1678 referência à «Renda da Rompelilha, a qual se arrendou por três anos, cada ano em trinta e sete mil reis e três carneiros do dízimo cada um ano».

No Livro da Bolsaria que começa em 1721 lê-se: «Arrendou-se a renda de Rompelilha a Leonel Alvares da Costa, da Ladronqueira, em sessenta e sete mil reis — 67.000» e tem recibo desde 1714 a 1721.

O Sr. Dr. Augusto César Esteves, melgacense de alma e coração que tem queimado as pestanas na pesquisa das nossas antiguidades concelhias, forneceu-me há tempos cópia de um arrendamento de Rompelilha feito por dois anos em Julho de 1721, também a sessenta e sete mil reis, a Pedro Durães e sua mulher Jerónima Gonçalves Bacelar, da freguesia de S. Martinho (Alvaredo).

A última referência que posso alegar para já, encontrei-a, ainda, nos livros do mosteiro de Fiães arquivados em Braga. Sob o ano de 1828 lê-se: «O capelão de Alcobaca tem 16000 rs; para cera e vinho 1200 rs». Quer dizer, o mosteiro ainda sustentava um capelão em Alcobaca, que seria o sucessor daquele de Rompelilha a que se refere o documento de 1243 que apresentei no artigo passado.

Na visita que fiz a Rompelilha em 30 de Setembro de 1954, acompanhado por algumas pessoas de Alcobaca, não encontrei vestígios da velha igreja, e da tradição apenas me indicavam a canjeira santa, passagem pública entre os terrenos que formam o bloco denominado Rompelilha e outras propriedades vizinhas.

ba no esquecimento. Apesar disso quantos sacrifícios não sofre o jornalista que escreve e luta pelo triunfo desse Ideal. Foi sempre assim. Não há ideal sem dor. O que é um santo? é a dor que macera as arestas dos defeitos humanos para os transformar na luz da perfeição e da bondade. O que é esse apóstolo? é a dor a sangrar pelo mundo a semente dos grandes ideais.

O que é um mártir? é a dor que defende com a vida os direitos sagrados da verdade. O meu Amigo tem vencido todas as dificuldades e caminhado para a frente, corajoso, audaz, destemido, porque o alemta e vitaliza um grande e nobre ideal: o engrandecimento e prestígio da sua terra natal. Na carta que me escreveu pede-me que fale na vida religiosa de Melgaço, no seu progresso espiritual e que foque em especial o congresso há anos realizado. Sim? não é fácil esquecer esse acontecimento religioso, tal o seu brilhantismo e grandeza. Esse congresso foi um Pentecostes que abraçou em chamadas de fé o concelho inteiro. Pode dizer-se que foram todos os melgacenses que se concentraram a rezarem e cantarem o hino sagrado da sua fé. A grandeza do congresso não derivou de uma organização bem dirigida. Tudo o que entusiasinou e movimentou as multidões foi espontâneo, sentido, querido, a fé dum povo que se manifestou em incêndios de graça e de amor. O povo de Melgaço tem sido e continua a ser profundamente religioso.

É uma crença coerente, sem discordâncias lastimáveis. Pensa como cristão e vive como cristão. A sua vida é límpida como o ar das suas serras e perfumada de virtudes como as flores dos seus campos. Pode-se viver aqui com a certeza de estarmos no meio dum povo ordeiro, morigerado, trabalhador e crente.

Disse um escritor que um mau jornal é o maior dos criminosos, porque os seus crimes não tem reparação.

Continue o meu amigo a levar os melgacenses pelos caminhos do progresso espiritual numa propagação religiosa, civilizadora, fazendo que o seu jornal se torne de cada vez mais respeitado e querido pela luz que espalha e pelo bem que realiza.

P. e M. A. Bernardo Pintor

Artur d'Almeida

# MELGAÇO em Fátima

## 13 de Maio de 1955

(Continuação da 1.ª página)

to ou texto recordou há anos o grande propagandista do culto de N. S. de Fátima na Alemanha, o Dr. Luiz Ficher, professor da Universidade de Bamberg, em um sermão que fez em Fátima e publicado no jornal de Santuário desse ano. Animados com estes pensamentos espirituais e também para atraír as bênçãos de Deus sobre a nossa Peregrinação, começamos por rezar o Terço, intermeado de cânticos a N. Senhora. Dirigiu a oração o rev. Pároco de Couselo, o sr. P.e José Custódio Domingues, meu ilustre colega e amigo. Já me esquecia de dizer que ao volante ia o sr. José Gonçalves, ilustre empregado da Empresa e admirável conhecedor da arte de bem conduzir. Breve chegamos a Monção, onde fizemos a 1.ª paragem, além das entradas de peregrinos, apenas de 10 minutos para fazer dois recados.

Dali seguimos sem mais até Caminha, onde demoramos coisa de meia hora, para entrar o programa de ver no percurso o que há de melhor nas diversas terras. — Não foi por desprezo que nos abstivemos de fazer paragem em Valença, a velha sentinela do Norte de Portugal, com as suas muralhas e outros monumentos, e até há pouco provida de uma guarnição militar, e também em Vila Nova de Cerveira, com o seu rico e bem dotado Hospital, mas foi por falta de tempo e também por que já são mais conhecidas e se veem um pouco de dentro dos carros espraíados à vista.

Em Caminha há bastante que ver, mas o principal é a sua maravilhosa Igreja Matriz, onde se encontra na Capela terminal da Nave Direita um lindo e original Sacrário Giratório, como eu não vi ainda. Dignos de nota são os Paços do Concelho com a sua Torre do Relógio e o chafariz. Um pouco abaixo de Caminha, em frente a Moledo fica a interessante Insua com o seu Convento-Fortaleza, de tradições históricas tão importantes, e onde os ratos morrem todos (não se sabe porquê). Esse ilheu de tempos a tempos fica ligado à terra por um istmo de areia, como sucedeu ainda há poucos anos em 1947. Pode ver-se na Revista do Seminário «Cenáculo» desse ano a pag. 39

um interessante artigo com a história da Ilha.

Daqui partimos para Viana do Castelo, onde chegamos por volta do meio dia, subindo à fôrma da estância de Santa Luzia, onde fomos encetar os farneis.

— Como este já vai longo, fica o resto para outro dia, se Deus quiser.

Melgaço, 26 de Maio de 1955.

P.e Justino Domingues

## NOVOS Assinantes

Como desde Outubro de 1954 não demos qual quer relação dos novos assinantes, fazemo-lo hoje, agradecendo a todos a sua amável gentileza.

São eles:  
José Felix Igrejas, D. Maria de Barros, Joaquim Covas, D. Adelaide de Sousa, Amadeu Esteves, Prof.ª D. Maria do Amparo Lima, Adelino Augusto Fernandes, José Baleixo da Costa, D. Irene da Fátima de Sousa e Castro, D. Maria Fernandes de Sousa, José Augusto Gonçalves, Dr. Pedro dos Santos Gomes, Jesuino Afonso, António Cândido de Campos, Mário Augusto Afonso, Amândio Lopes de Sousa Cardoso, José António Gonçalves, Tibério C. da Costa, Pereira Dias, José Maria Fernandes, António Domingues Veiga, Albertino Domingues, Valdemar de Lima, D. Sêrgia de Magalhães e José Bento Gomes.

## Paços, 25

Em nome da freguesia, vou falar alguma coisa sobre a casa da residência — que ainda hoje se encontra ocupada pela guarda fiscal.

A freguesia pedia respeitosamente aos srs. comandantes do Batalhão da guarda fiscal para resolverem este problema, que, como está, tantas dificuldades nos criam.

O nosso bom pároco vive numa casa afastada da igreja, muito humilde e faz pena que a casa pertença à freguesia e não possa residir ali o seu abade.

Parece-nos que o sr. capitão Magalhães, digno

# POR SANTA RITA

Pedem-me que diga algumas palavras sobre as obras de Santa Rita neste número aniversário de «A Voz de Melgaço».

E como não havia de dizê-las?

Tantas vezes, a nossa querida «Voz de Melgaço», levou amorosamente, aos melgacenses espalhados pelo mundo, com as nossas vivas saudades, as boas notícias do que se ia realizando no lindo Mosteiro.

Devemos muito à «A Voz de Melgaço».

Ainda há meses uma Senhora Professora, zelosa e culta, que trabalha longe do nosso concelho, nas margens do Minho pertinho do Mar, nos dizia que gostava muito de saber notícias de Santa Rita.

E' «A Voz de Melgaço» que leva sempre esta boa nova.

Como tudo isto nos parece um milagre!

A maneira como do nada se levantaram aquelas pedras, a torre, já quase terminada, aquelas madeiras!

A espontaneidade e a alegria do povo em ajudar a carrear materiais, telhas, madeira, sacos de cimento... E depois, gente de S. Paio, de Prado, da vila, de Chaviães... com esta de Rouças!

As ofertas, algumas tão volumosas, de mil escudos, de 500\$00, outras pequeninas, às vezes, as maiores no entanto pelo que representam, aqui vão chegando uma a uma, pequeninas e grandes. E é um gosto vê-las subir.

Ainda agora recebemos de duas raparigas, empregadas em Lisboa, um cheque de 130\$00. E nós bem sabemos o que representa para estas boas raparigas, a Maria Amélia, da Verdade, e a Lurdes, de Surribas, o sacrifício de algumas dezenas de escudos. A elas juntaram-se outras ofertas de outros Amigos de Santa Rita e aqui chegou tudo são e salvo.

comandante da Companhia tem todo o interesse em resolver o caso da residência.

O povo ficaria imensamente grato às dignas autoridades da G. F.

Saída para Lisboa — Foi no dia 21 que de nós se despediu indo para essa cidade de Lisboa o nosso amigo Amadeu Deniz Monteiro, desta freguesia. De seja-se-lhe que tivesse boa viagem. E mais não sei...

— (C)

O António Sérvio, ali da Ponte, chega à França, depois de muito trabalho e canseiras, que estas coisas dão sempre muito trabalho, escreve-nos e diz-nos que brevemente mandará os seus primeiros 1.000\$00.

Um nosso Amigo, de Paderne, que trabalha em Morelena, Lisboa, escreve-nos e manda-nos hoje mesmo, com escudos. — Nós bem sabemos quanto vai custar a falta dos cem escudos na casa do nosso António Cardoso.



SANTA RITA

Mas a alegria, o gosto com que ele e sua boa família no-lo mandaram. E outros... E outros...

Temos várias promessas de 1.000\$00, outras de 500\$00. E muitas, muitas outras, menos volumosas, mas todas cheias de amor.

E nós começamos do nada, sem nada. Não tivemos participações do Estado. Mas tivemos uma grande felicidade conosco: — a ajuda clara, visível de Santa Rita e a boa vontade dos melgacenses e amigos da «Santa dos impossíveis».

E não era preciso mais nada.

Projectos? — Temos muitos. Nós vamos-nos iludindo às vezes, e sonhamos. Mas tudo isto parece um sonho.

Já aqui esteve o Senhor Engenheiro Cardoso Bispo a traçar a estrada que ligando à ponte da Carpinheira passa pela igreja de Rouças, e vai por Santa Rita e sobe depois a Fífeis, ao convento, para dali seguir para Alcobaca.

Espera-se que ainda este ano, o mesmo Senhor Engenheiro faça a planta da estrada que liga Santa Rita a Loviô, à Casa dos Serviços Florestais em Ca

## A NOSSA TERRA

(Continuação da 1.ª página)

se aventuraram a perscrutar o misterioso segredo das suas entranhas, os míseros. E sobretudo tão linda.

Pertinho desse lugar de maravilha, a Senhora da Peneda, e senhores dessa privilegiada zona de turismo para verão e inverno — Castro Laboreiro — e das suaves margens do nosso rio Minho, com a estância de Peso e a passagem por estrada para a Galiza e Europa, nós pouco menos somos que esquecidos.

Não sabemos bem por que, mas este problema da ligação rodoviária directa para os Arcos não nos mereceu ainda aquele interesse colectivo, particular e oficial, supomos, a que a nossa privilegiada Terra tem inegável direito.

O movimento, a vida, o dinheiro que essas estradas nos viriam dar.

Lado a lado com a Galiza, e ligados por uma ponte, onde transitam carros, ainda sentimos algumas dificuldades na passagem.

Não seria possível conseguir-se das dignas autoridades documentos mais simples, mais rápidos, mais económicos? — Se não estamos em erro, povos como Valença possuem essa realidade.

Mas o turismo, os grupos excursionistas, os amigos do desporto, os roedores da Peneda não procuram em muito maior número as nossas terras, com essas ligações para os Arcos?

E não é difícil.

valeiro Alvo e dali avance para Cubalhão.

E nisto, sim, já fez muito o Estado. E esperamos que faça tudo.

Nunca podemos esquecer a surpresa (quase não acreditávamos!) que nos tomou, quando o muito digno Director dos Serviços Florestais do Norte, o nosso querido Amigo, Senhor Engenheiro Augusto Machado, nos escreveu a dizer que brevemente chegaria um técnico para fazer o estudo da nova estrada.

E quase chega primeiro o Sr. Engenheiro Cardoso Bispo que a carta.

Depois os nossos amigos, os nossos Benfeitores, os Padrinhos abonçados desta Obra!

E é que por vezes andavam aqui a erguer o Mosteiro, os artistas, mas o dinheiro, esse ainda vinha longe. E fomos envelhecendo. E vamos envelhecendo.

Mas sentimos-nos contentes, satisfeitos.



# A VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador :  
P.º JÚLIO HILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas: Residência Paroquial — Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga  
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:  
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00  
ANO X

MELGAÇO, 15 de Junho de 1955

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA  
N.º 97

## Mais um dia de glória...

DEPOIS DA NOVENA A FESTA... — DO BRASIL, 1 000\$00... — DE FRANÇA 770\$00... — E MAIS... MAIS OFERTAS... — LINDA E ESBELTA, A TORRE AGUARDA A CRUZ...

## E com Deus, a obra vai

Passamos nove dias junto da veneranda imagem de Santa Rita... E connosco, muitos fiéis.

Os meus amigos que este lerem, já sabem que aqui há promessas de novenas, de meias novenas, como na Peneda, em S. Bento do Cando, em S. António.

O «Mosteiro» quase se enchia, para recolher os que fizeram a novena. Alguém disse que não se precisava de uma igreja tão grande. Mas a verdade é que na festa, já muitos tiveram que assistir à santa missa, de fora.

E tivemos pena. As obras deviam fazer-se, de pois de acabadas. Se começassemes agora, seria maior com certeza.

Mas a novena; acreditem, correu muito bem.

Rezamos, cantamos, ou vimos a prática. tomamos parte nas anunciadas procissões e na comunhão colectiva de segunda-feira, umas cem comunhões. E então a «hora santa», de 29, foi uma formosura. Na manhã do dia 30, houve cinco missas, e na festa tomaram parte oito sacerdotes. E foi pena que não tivessem vindo mais porque bastantesromeiros os aguardavam. Ficaram assim registadas nos respectivos livros as suas intenções de missas.

### NA FESTA

De manhã, o dia foi-nos bastante agradável. E veio muita gente. Vimos de Padrenda, de Cristoval, de Penso, do Porto, sim do Porto, de Parada do Monte e de Castro Laboreiro.

Ao confessionário estiveram pela manhã adiante vários sacerdotes, atendendo os fiéis e houve comunhões, até às onze horas.

O alto-falante, do nosso Amigo Sr. Reinales, e a nossa Banda tiveram de

interromper os seus serviços, para comodidade dos muitos fiéis que cumpriam os seus deveres religiosos dentro do Mosteiro — muitos deles descalços, «sem fala», em jejum...

E estas coisas dão-nos muito gosto.

## Com vista à Ex.ma Câmara Municipal

Terminaram as obras de restauro do edificio da nossa Câmara, facto que certamente alegrou todos os munícipes.

Há três meses, parece, que o empreiteiro deu as obras concluídas e fez entrega à Câmara.

Ora o restauro que era necessário, e não obstante os meses que já se passaram, ainda não está concluído, porque falta colocar a lápide com que o Concelho honrará a memória desse grande melgacense, que foi Hermenegildo Solheiro, e lhe tributará a sua gratidão, no local, onde o povo da nossa terra a colocou, com entusiasmo, palmas e lágrimas.

Os nomes e as obras dos que deram o exemplo de bem servir, e porque a homenagem foi do Concelho, têm de continuar onde o direito os colocou.

Lembramos à Ex.ma Câmara que ordene o cumprimento desta parte final das obras e que chame à responsabilidade, pela desconsideração feita ao Concelho, o culpado desta falta, talvez justificada, desconsideração extensiva à família do saudoso Hermenegildo Solheiro, que toda a gente respeita e admira na pessoa desse dedicado e zeloso funcionário da nossa Câmara e que o bom povo da nossa terra carinhosamente trata por Sr. Armandinho Solheiro.

Vir de Padrenda; de Cristoval, de Chaviães, de outras terras de longe, de muito longe, para comungar aqui, aos pés da Veneranda imagem, aquele do ce Jesus, que foi o encanto de Santa Rita, diz muito. Diz tudo.

Houveromeiros que passaram toda a manhã dentro do Mosteiro. E que bem que ali se estava...

Deixar falar a alma, o coração, e ir suavemente até junto do Pai, e por intermédio da nossa querida Santa, levar-lhe as nossas saudades, as nossas mágoas, as nossas tristezas e alegrias e ali estar, e ouvir, ouvir, longe do bulício do mundo, as confidências, os segredos de Deus, que bem!

O facto é que à hora da missa solene, já não se cabia dentro. Nem pudemos ajoelhar-nos durante os actos mais importantes da santa missa.

Foi celebrante o rev. Abade de Fiães, Sr. P.e Manuel Lourenço, e ao pulpito subiu o Sr. P.e Júlio, de Barbeita, escutado por todos com religiosa união.

E quando a longa procissão recolheu, já eram as 13 horas. Fora uma linda e formosa manhã...

Nessa altura, já os devotos de Santa Rita tinham depositado a seus pés, 5.000\$, afora o que ia para os leilões. — A primeira vez, nos anais desta festa.

Demos graças a Deus, por tudo. Sobretudo pelo ambiente religioso, mais puro, mais mimoso naquele Mosteiro, aos pés da veneranda imagem.

### DE TARDE

A «floresta», que tímidamente vai aparecendo em redor do Mosteiro, ainda não pode abrigar todos osromeiros.

Não há «quarteis». Ainda não chegou a estrada. Mas tudo virá, com o tempo, se Deus quiser. E assim, à sombra de velhas árvores amigas, já conhecidas de outros anos, e sempre acolhedoras, lá se foi sentando toda aquela boa

(Continua na 4.ª página)

## A caminho de Fátima

(CRÓNICA DE VIAGEM)

Na crónica anterior tínhamos ficado em Santa Luzia a saborear os apetitosos petiscos; que nos meteram para dentro das cestas de viagem. Para abanear de-novo uma volta ao Hotel e à Citânia até encontrar um bom lugar à sombra, ao pé do Miradouro alto, de onde se disfruta uma paisagem admirável para qualquer lado que nos voltemos, mas muito especialmente para o lado do mar.

Depois de saciados, mas nem todos; uma da nossa comitiva ia a pão sem água até poder saciar a sede na fonte milagrosa da Cova da Iria, subimos ao tal ponte alto, e, uma vez espraçada a vista, recolhemos; com bagagens e tudo, à «nossa casa ambulante de uma semana; até passar de novo frente ao Templo-

Monumento; que é deveras uma autêntica joia de arte. Aí saudamos o Chefe da Casa (o SS.mo); como ordena a regra de bem peregrinar e manda a boa educação.

Contemplamos os altares e as Imagens; admirámos todo aquele conjunto harmonioso; compramos algumas recordações e os mais feitos e resolvidos a não deixar nada por ver; subiram ao Zim-bório. De novo reunida a caravana descemos até à Princesa do Lima:

Esta na verdade tem suas maravilhas, mas o tempo de que dispomos; não dá para grandes digressões. Percorrido aquele novo desvio de estrada em direcção à ponte; na parte restante; passando por baixo desta, margeando o jardim eis que estacionamos na principal artéria de Viana, — a Avenida da Estação. Daqui os grupos irradiaram para os pontos de suas preferências. Visitado o Café Avenida; eu e os que me quiseram acompanhar atravessamos a Praça da República; velho centro da «Urbe»; ainda hoje cheio de encantos; com o seu monumental edificio da Câmara, o da Misericórdia; igualmente maravilhoso e o lindo chafariz, dirigimo-nos à Igreja Mãe da nossa Princesa; pois é este, ainda que pese a algném; o primeiro monumento da cidade.

As horas voam rápidas e por isso não pudemos ir a S. Domingos; embora este fosse o onomástico de um membro da comitiva e o meu apelido também daí venha. Seguido o trajecto mais curto para o carro; pudemos de relance apreciar outra joia de arquitectura; o Palácio dos Condes da Carreira. E mais não vimos; que me recorde; digno de especial referência:

Verificadas as presenças; lançamo-nos a caminho do Porto; que nos esperava ao fim da tarde.

Depressa chegamos a Espôsende; mas aí não demoramos; pois o tempo urge; e também lá nada conheço digno de especial observação a não ser a ponte sobre o Cávado; entre esta e Pão.

Não direi o mesmo da Póvoa de Varzim e de Vila do Conde; pois esta é rica em Monumentos e obras de arte, e aquela é a princesa das Praias do Norte.

Nesta grande Vila, dos pescadores; com proporções de cidade;

(Continua na 4.ª página)

## Notícias várias

O Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo felicitou nos pelo aniversário do nosso jornal, com palavras que muito nos sensibilizaram.

Gratos.

A esposa do nosso querido amigo e distinto colaborador, Dr. Abel Varela Seixas, que estava gravemente doente, já sentiu algumas melhoras.

Seu pai, o Sr. Anibal da Portela, que tinha ido à Austria em passeio, regressou de avião a Lisboa, via Paris, Madrid.

Fazemos votos pela continuação das melhoras.

O nosso querido conterrâneo e prezado assinante Jaime Maker Gonçalves, residente em Lisboa, sofreu uma melindrosíssima operação.

Desejamos-lhe completo restabelecimento.

O nosso querido amigo e conterrâneo, José Guerreiro Ranhada, dignouse agradecer nos em amável cartão, as referências que se fizeram no nosso jornal ao aparelho de resinagem da sua invenção.

# PRADO, 10

## HA SSESSENTA ANOS - (I)

### As festas de S. João, na Vila, em 1895

Os nossos pais, sempre que confrontam o seu com o nosso tempo, tem a arreigadíssima pecha de apoucar este e enaltecer aquele. Então — dizem eles — tudo era e tudo se fazia melhor do que agora: Moças mais lindas... homens mais valentes... festas mais brilhantes... etc., etc. e etc... Aquilo, sim, é que eram tempos... Agora...

Muito embora as suas afirmativas sejam por exageradas — por vezes, verdadeiras bravatas... — havemos de convir que, realmente, em algumas coisas nos levavam e a palma, entre estas, as festas que, de maneira geral, realizavam com brio insuperável e quente entusiasmo, a que emprestavam sempre razoável dose de bom gosto, resultando brilhantíssimas, como foram as que se realizaram, na Vila, em 1895, em honra do Santo Precursor de Cristo, cujo programa vamos agitar, quanto mais não seja, para remoçar de sessenta anos todos aqueles, do número de vivos, que as viveram e que — felizmente — ainda muitos são.

## Grandes festejos ao S. João em Melgaço

Romaria e Feira Anual

— PROGRAMA —

«Dia 23 — Ao romper da aurora, uma salva de 21 tiros anunciará ao público a abertura dos pomposos festejos e a excelente filarmónica do sr. Sanchez percorrerá as principais ruas desta vila, que estarão garridamente engalanadas de bandeiras e garlandetes.

A's 9 horas da manhã, os Gigantones e Cabeçudos, imitação da antiga usança dos povos da Galiza, destinada a devir gratuitamente as massas populares, percorrerão as ruas anunciando os festejos.

Das 10 para as 11 horas sairá a Igreja Matriz uma brilhante procissão, a fim de serem colocadas nos seus respectivos lugares as imagens de Cristo e S. João.

Ao meio dia farão a entrada na vila a já referida filarmónica e bem assim as afamadas e acreditadas bandas de música «Morçanense» e «Arcoense», grandes repiques de sinos, subindo ao ar, por essa ocasião, dezenas de foguetes.

A's 2 horas da tarde,

diferentes danças pelos Gigantones e Cabeçudos.

A's 5 horas, haverá na Igreja Matriz vésperas solenes a grande instrumental, exposição do SS. e Sermão pelo digno e ilustrado orador sagrado rev. Caetano Fernandes, abade desta vila.

Pelas 9 horas da noite, começará uma deslumbrante iluminação (2 000 lumes) na Praça do Comércio, Largo do Chafariz, Largo da fachada da Igreja, Rua da Calçada, Rua Nova de Melo, o monte e jardim no Terreiro e bem assim a brilhante gruta no Chafariz. Por esta ocasião, tocarão as três filarmónicas, cada uma em seu coreto; queimar-se-á uma grande quantidade de fogo de artifício que está confiado a dois afamados pirotécnicos; todas as fachadas dos prédios serão caprichosamente iluminadas; subirão ao alguns balões, e, finalmente, terminarão as festas neste dia da 1 para as 2 da manhã.

Dia 24 — Ao romper a alvorada, uma salva de 21 tiros e toque de sinos, as magníficas filarmónicas «Monçanense», e «Arcoense» percorrerão as ruas desta vila.

Pelas 5 e meia horas da manhã, terá lugar na Praça do Comércio a Missa Campal, uma das mais imponentes cerimónias religiosas para todos que a elas assistirem, com o concurso das três referidas filarmónicas, irmandades, etc. etc.. Em seguida a grande procissão de peregrinação à ermida da Senhora da Orada, onde haverá missa logo que o préstito ali chegue. É importantíssimo o panorama que se disfruta da estrada que desta vila segue para S. Gregório, donde se abrangem, em grande extensão, as margens do Minho e as férteis veigas que o rodeiam.

A's 9 e meia horas da manhã, as mesmas demonstrações feitas pelos Gigantones e Cabeçudos.

Das 10 até às 11 horas, tocarão na Praça do Comércio as músicas de Monção e Arcos e em seguida começará a festa do Santo Precursor na Igreja Matriz que constará de missa solene a grande instrumental pela capela do sr. Sanchez, auxiliada por alguns músicos de Monção, exposição do SS. e sermão pelo já referido orador ao Evangelho.

Desde as 4 até às 6 horas da tarde, tocarão as músicas de Monção e Arcos, saindo em seguida da Igreja Matriz uma imponente procissão, percorrendo as ruas Direita, de Baixo, Travessa do Espírito Santo, Rua da Calçada, Rua Nova de Melo, Praça do Comércio e Largo do Chafariz, recolhendo por fim à mesma igreja. Nesta procissão incorporam-se as várias irmandades, seções e corporações de diferentes categorias.

A's 9 horas da noite começará a iluminação como no dia antecedente.

Dia 25 — Das 9 até às 11 horas da manhã, tocará na Praça do Comércio a filarmónica «Melgaçense» e às 2 horas da tarde haverá o anunciado bodo a 100 pobres que se rá distribuído no Campo da Feira Nova, assistindo ao mesmo a referida música.

Das 6 às 9 horas da noite tocará a mesma (música) na Praça do Comércio.

Dia 26 — Grande Feira Anual. É' este o último dia de Festa, sem dúvida o mais importante pela abundância de géneros e gado que a ela há de concorrer havendo música e distribuição de prémios pela forma seguinte:

1.º prémio — Ao melhor cavalo, 10.000 reis; 2.º prémio — A' melhor junta de bois, 5 000 reis; 3.º prémio — A' melhor junta de vacas, 3 000 reis; 4.º prémio — A' melhor junta de novilhos, 2 500 reis, e 5.º prémio — A' melhor ceva que se apresentar, 2.000 reis.

(Continua)

\* \* \*

Pelas 18 horas do dia 30 do mês findo, desabou sobre esta localidade uma violentíssima trovoadá de chuva e granizo — causando estragos consideráveis nas vinhas e nos batatais; mormente naquelas, que ficaram em estado lastimoso, pois — segundo os cálculos mais razoáveis — dois terços da colheita prevista ficaram destruídos. Enfim, são altos desígnios de Deus a que todos temos o dever de nos curvar.

— Levada a efeito pelas prendadas meninas Alice Lopes Salgado, Belarmina Rosa Vaz, Clara de Sousa Lobato e Teresa da Cunha Sotto Mayor Martins Moreira; abrilhantada pela insuperável «Cabine Sonora

Melgaçense»; com a igreja e andores rica e artisticamente armados, adornados e iluminados a electricidade, trabalhos da autoria, respectivamente, do consuleiro armador de S. Pedro da Torre, sr. João Baptista Alves Guerra, e do competente electricista sr. Torcato Domingues; com um sermão na véspera e outro no dia, pronunciados pelo brilhante orador sagrado e director do «Colégio de Monção», rev. dr. Melo; com missa rezada às 8 horas, na qual, além das crianças, comungaram de zenas de fieis, e missa cantada, pelas 11 horas; em fim, com uma grandiosa e deslumbrante procissão de

velas, na véspera, em que N. Sra. de Fátima levada em artístico e elegantíssimo andor, sempre entre cânticos em Seu louvor, se guida e antecedida por mais dum milhar de lumes, percorreu o circuito: — Igreja, Cerdedo, S. to Amaro, Extremadouro, Serra, Igreja — e ainda outra magestosa e mais deslumbrante procissão na tarde do dia 5 — em que cerca de três dezenas de figuras alegóricas, todas riquíssima e primorosamente vestidas pelo guarda roupa daquele armador, nos maravilharam, oferecendo nos um espectáculo de briho e colorido, grande em qualquer cidade — se realizou aqui a Comunhão Solene das crianças, com festa a N. Sra. de Fátima — jornada de briho e repassada de unção religiosa que entre nós difficilmente poderá ser ultrapassada.

Parabéns, pois, à referida Commissão. — C.

## Da Vila

Junho, 11.

NOVA EPOCA TERMAL

Desde o dia 1 do corrente que na quieta e aprazível Estância do Peso se iniciou mais uma época termal. Por enquanto, são poucos ainda os aquistas que ali se vêm, mas temos razões seguras para crer que este ano as nossas Termas serão muito frequentadas, pois, segundo nos dizem, os pedidos de marcação de aposentos que vem sendo feitos aos respectivos hotelheiros — especialmente para o popularíssimo «Hotel Aguas de Melgaço» (Ranhada) — tem sido numerosos.

Deus venha, pois, com muitos aquistas e veraneantes para o Pêso — que o mesmo é dizer para Melgaço — afim de darem uma nota de cosmopolitismo e viva alegria àquela paradisíaca Estância, onde os diabéticos e outros enfermos encontrarão, além do tradicional bom trato e acolhimento dos respectivos hotelheiros, senão a cura total, grande lenitivo para seus males. E nem só estes lucrarão com uma estadia em Melgaço, pois, também, a todos aqueles que trabalham durante o ano e tem os seus orçamentos equilibrados, lhes assiste o sacrossanto direito de gosar um mês de férias, longe do ambiente viciado e do bulício enurdecedor das cidades, para desintoxicação do organismo e retemperamento dos seus nervos, fortemente abalados por onze meses de labuta consecutiva.

Mas... férias gozadas em ambiente são, de calma, quietude e tranquilidade, onde não faltam ares lavados, águas puríssimas, frutas arquisaborosas, vinhos deliciosos, carnes famosas, legumes primorosos e paisagens que não recebem enfileirar ao lado das mais belas do mundo, tudo isto a par da proverbial hospitalidade de todo um povo; esse ambiente... Só em Melgaço.

Quem tiver dúvidas que venha tirá-las!...

\* \* \*

Finado illustre — Ao cair da tarde do pretérito dia 25, fomos dolorosamente surpreendidos pela infausta notícia do súbito falecimento, em Crescente, Galiza, do sr. dr. Luis de Anguiano Rodrigues Gomes Pinheiro, médico distinto, chorado irmão da bondosa Sr.ª D. Sérgia Elvira de Anguiano Magalhães.

O illustre finado, que ainda na véspera estivera nesta Vila, de visita àquela sua irmã, era muito querido e conhecido entre nós, portanto foi criado em Prado, na

(Continua na 3.ª página)

# Chaviães, 9

## Por Paderne

**Queda mortal** — No passado dia 27 à tarde quando o sr. Manuel Gomes, proprietário desta freguesia, regressava à sua casa no lugar de Barraço, vindo dos seus afazeres dos lados da freguesia de Paderne montado na sua bicicleta, ao chegar próximo do lugar do Barral embateu num monte de areia que ali se encontrava na estrada e caiu tão desastrosamente no chão produzindo-lhe lesões internas tão graves que, passando pelo hospital onde lhe aplicaram os primeiros curativos, mas ao chegar a sua poucos momentos depois faleceu no meio de atrozes sofrimentos. Perdeu a nossa freguesia com o desaparecimento deste nosso grande amigo um dos melhores elementos pois em toda a parte onde a sua pessoa fosse precisa lá estava ele sempre pronto e bem disposto para tudo que fizesse falta. Foi um dos pioneiros da nossa estrada porque o seu maior gosto era vê-la concluída, mas a morte que a ninguém respeita não lhe deixou satisfazer esse sonho.

Para o nosso hospital foi também uma grande perda, em todos os cortejos que por aqui passassem em seu favor lá estava ele sempre firme com aqueles dotes de boa vontade para bem servir aquela indispensável casa de caridade. Pertencia à Legião Portuguesa onde tinha a graduação de 1º cabo corporação que muito estimava e respeitava cumpridor à risca dos seus deveres de militar era ali muito estimado. Muito tínhamos a esperar deste grande amigo, era ainda muito novo contando apenas 45 anos de idade mas o maldito desastre assim o entendeu. Resta pedir a Deus o seu descanso.

Deixa mergulhada na mais profunda tristeza a sua querida esposa e sua estremecida mãe e tia e seus filhos, dois ausentes no Brasil.

No seu enterro que foi muito concorrido incorporaram-se um grupo de legionários além de todas as irmandades desta freguesia às quais ele pertencia. Pedimos para ele a Deus uma prece do fundo do nosso coração. A sua querida família enviamos os nossos sentimentos pesames.

Outro desastre e este de consequências graves: No passado dia 2 pelas 6 e meia da manhã, mais ou menos ao passar no lugar das Lages a caminheta pertencente ao sr. Ma-

nuel Lourenço, comerciante na nossa vila cujo número e chauer são para mim desconhecidos, carregada de toros de pinho para se desviar de um aqueduto ainda em construção embateu com a carroçaria na parede do quintal do sr. António L. Reinales indo as pesadas pedras attingir o menor de 10 anos António José da Silva, filho do sr. António Augusto da Silva e da Senhora Maria Araújo Azevedo, ficando com o pé e parte da perna esmagada.

Conduzido rapidamente na mesma caminheta ao hospital e verificado pelos srs. clínicos a gravidade do estado, foi-lhe amputado o pé direito. A G. N. R. tomou conta desta grave ocorrência. Pedem-se a todas as pessoas que conduzem veículos motorizados que devem andar nesta estrada com muita cautela pois é bom para todos. Nesta parte da freguesia há muitas crianças e surgem de todos os lados e assim é muito perigoso. Lembra-se também aos chefes de família que retirem os menores sempre que possam da nossa estrada para se poder fazer o movimento com tranquilidade e a bem de todos. — C.

### Direcção do Distrito Escolar de Viana do Castelo

De passagem por Viana do Castelo, o Ex.º Inspector Afonso de Frias, acompanhado do Director Escolar do Distrito, visitou os cursos de adultos nesta cidade, tendo verificado o seu funcionamento e, em todos eles, exortado os adultos presentes a frequentarem assidua e pontualmente, a fim de colherem os melhores resultados.

No sentido de fornecer aos regentes dos mesmos cursos e mais agentes de ensino desta cidade e localidades mais próximas, várias directrizes e instruções referentes aos seus deveres e, especialmente, alusivas a algumas das actividades presentemente a seu cargo, como recenseamento escolar, passagens de classe e exames, relatórios anuais CAMPANHA de Educação de Adultos, etc., o mesmo funcionário fará uma palestra no edifício escolar da Avenida, no próximo dia 5 pelas 15 horas a que assistirão o Director do Distrito Escolar, Alexandre Camejo e outras entidades oficiais.

Até que enfim que posso informar os nossos estimados assinantes de que as obras de restauro do nosso querido Convento já principiaram.

Foi com prazer que os paderenses viram o seu sonho em realidade quando da chegada do Sr. Santos com aparelhos próprios para apear ou içar pedras.

Fomos também nem só com o fim de cumprimentar este senhor, mas para ver se a obra continua até ao fim ou é como nos anos transactos mais pedra que nos pedra que se põe em dia, ficando assim as obras do Convento, como as obras da «doca».

Não, parece que desta vez, segundo informações do Sr. Santos.

Agradecemos pois ao Ex.º Sr. Vice-Presidente da Câmara que soube pedir e à nossa querida junta de freguesia que por meio de officio soube reforçar o pedido, para Paderne ver assim a Casa de Deus em arrumo como todas as outras freguesias.

Por informações soube também que a junta pensa em vedar o cemitério com um pequeno muro e grade, de forma a impedir a entrada de galinhas, cães e outros animais, que ao abrir o portão do adro, fazem do cemitério seus logradouros.

E' de facto um melhoramento que muito e muito se precisa, e que a junta se esforça por o ver realizado quanto antes.

Pela referida junta de freguesia foi condenado em 120\$00 de multa e adicionais por haver cortado uns pinheiros em terreno logradouro da freguesia sito nas Costoricas (Cevidade) um lavrador natural e residente em Cubalhão.

Que os destinos do povo de Paderne ficaram bem entregues já muitas vezes aqui o temos dito e pena é que outras freguesias não queiram imitar a nossa junta que também cumpre e faz cumprir aos que andam fora dos eixos.

**Falecimento** — Foi no passado dia 6 que faleceu (depois de prolongado sofrimento) o bondoso proprietário Sr. José da Rosa José d'Além, residente que foi no lugar do Barral.

O seu funeral realizado no dia 8 foi muitíssimo concorrido, nele se incorporando muitas pessoas de ambas as camadas sociais. Entre outros vimos os

# Da Vila

(Continuação da 2.ª página)

Casa da Serva, com seus avós-maternos, Luís Vicente Gomes Pinheiro e D. Alexandrina Augusta de Sousa e Gama.

A toda a família enlutada, nomeadamente a seus filhos e àquela sua irmã, aqui deixamos consignada a expressão sincera do nosso sentido pesar.

**Desastre pessoal** — No pretérito dia 2, deu entrada no Hospital da Misericórdia, onde lhe foi amputada uma perna, António José da Silva, de Chaviães, por nesta freguesia ter sido vítima de desastre de viação.

**Feiras e Mercados** — Realizou-se hoje nesta Vila mais uma feira de gado, devendo a próxima ter lugar em 25 do corrente.

No mercado semanal, havia: milho a 9\$00, o meio decalitre; centeio a 11\$00 idem; feijão branco entre 18 e 20\$00 idem; feijão mistura entre 14 e 16\$00, idem; batatas a 1\$00 o quilo; cebolas a 1\$50 idem; galos, galinhas e frangos, desde 30, 25 e 10\$00, cada, respectivamente; ovos a 7\$50 a dúzia; sardinhas a 3\$50, idem.

Abundância de cerejas e hortaliças a preços razoáveis.

**O tempo e a agricultura** — As trovoadas de 30 do mês findo causaram estragos consideráveis, mormente nas vinhas, tendo sido a freguesia de Prado a mais atingida; e as chuvas — por vezes torrenciais — que desde então, quase interruptamente, tem caído, devem ter «feito» mais de metade da vindima prevista...

— Os centeios, que não estão bons nem maus, pedem agora calor, muito calor, para serem ceifados; e, os batatais também se ressentiram muitíssimo com os efeitos nocivos daquelas trovoadas. — C.

## Parada do Monte, 7

Partiu para Coimbra, onde se vai sujeitar a uma operação, a sr.ª Dorinda Domingues, esposa do sr. José Pereira Júnior.

— Também partiu para

o Porto onde foi consultar um especialista do nariz o sr. Justino Pires, do lugar do Coto do Paço.

— Terminou o mês de Maria com a Igreja repleta de fiéis. Pois o nosso bom povo nunca deixa de comparecer aos actos de culto dando assim uma prova do seu amor para com Deus, e nossa mãe Maria Santíssima.

## Boa Imprensa

Ainda que o rendimento tenha sido 84\$70, menor do que em 1953, é facto animador verificar que no ano findo todas as freguesias deste Arciprestado contribuíram para a B. I. com os donativos seguintes:

### MELGAÇO

Alvaredo, 10\$30; Castro Laboreiro, 50\$00; Chaviães, 20\$00; Cristóval, 17\$50; Couso, 89\$00; Cubalhão, 4\$00; Fiães, 4\$00; Gave, 4\$00; Lamas de Moura, 4\$00; S. Paio, 20\$00; Melgaço, 40\$00; Paços, 37\$00; Paderne, 4\$00; Parada, 20\$00; Penso, 20\$00; Prado, 36\$50; Remoães, 20\$00; Rouças, 100\$00.  
Total, 500\$30.

Srs. Comandante da Secção da Guarda Fiscal, Alferes Alcino Vieira, sargento Araújo e muitos cabos e soldados daquela corporação.

A toda a família enlutada o nosso cartão de sentidos pesames. — C.

**O tempo e a agricultura** — Está-se nos sachos do milho. A gente bota-se a sarchar a unhas e dentes. Pois os milhos vêm quase todos ao mesmo tempo, e portanto precisa-se de andar ligeiro para os não deixar passar do sacho. Também se tem procedido à sulfatagem das vinhas, que ontem foram açoitadas por uma forte ventania que partiu muitos gomos, mas não foi só partir os gomos, também açoitou muito as videiras. Mas por enquanto por aqui ainda não tem vindo trevoada com granizo como tem caído em algumas terras. Valha-nos isso ao menos. Hoje veio uma forte trevoada que felizmente não causou estragos. Mas apesar de tudo veio uma chuva fria. Parece que estamos em pleno mês de Janeiro, apesar de estarmos em Junho. Este ano o que pode haver é muitos fenos que o tempo tem-lhe corrido bem. — C.

# Mais um dia de glória..

(Continuação da 1.ª página)

gente, e abriram-se os farolés.

Os bons ares, os lindos panoramas, a doçura das quebras e mais que tudo, os farséis recheados e escolhidos, abriram os apetites. E não foi preciso buscar remédios para tirar o fastio...

Até que a banda dos Bombeiros Voluntários atacou os primeiros acordes e começou alvoroçadamente a festa da tarde — Osromeiros eram muitos. Não cabiam pelos caminhos e estenderam-se pelo monte acima, em aspecto feérico, alacre, de mil cores...

Rapazes e raparigas, aos pares, iam e vinham preparando os seus futuros lares, à sombra do Mosteiro, conversando e rindo...

Os mais velhos iam observando as obras do Mosteiro... A frente já quase pronta. A torre, de uma elegância fina, a dominar suavemente o conjunto. E o panorama, largo, lindo...

O nosso Amigo Rainha, com a aparelhagem mais perfeita e coadjuvado pelo Torcato começa a sua emissão da tarde.

Mas o sol, as nuvens foram nos avisando de que não podíamos estar ali do dia.

E começaram

## Os leilões

Este serviço dos leilões não correu bem, mais uma vez.

— É muito longo. Há muito que leiloar. Carnes, oiro, bôlos de Castro Laboreiro, galinhas com pintainhos, frangos, cabritos...

Para o ano, se lá chegarmos, é preciso fazer leilões simultâneos, 3, 4 ou mais. Sim, porque de ano para ano os leilões aumentam. Há muito que «arrematar», graças a Deus.

E foi preciso pedir desculpa de a música não tocar... — Mas que havia ela de fazer?

Para o ano se lhe dará remédio. O facto é que ficou todo o oiro por leiloar.

Brincos de oiro, alfinezes, fiavras em oiro, etc., etc.

Tudo para aqui veio. Bondosas senhoras que tiraram dos seus peitos as fiavras, testemunhas silenciosas de anos de trabalho a fio; anéis de casamento, brincos de meninas... E até ali apareceu uma bola de Castro Laboreiro.

E o que se perdeu! — Também aqui se perderam inutilmente muitas coisas. Muitos quilos de cera, par-

tidos, e mortalhas, às dúzias, algumas de seda...

Como nós desejamos que osromeiros oferecessem outros objectos. Aqueles ali ficam, quase perdidos, sem utilidade. E oromeiro não se faz com estas perdas.

A «tia Rosa», a bondosa zeladora do mosteiro, contou as uma por uma, as mortalhas, 14 dúzias...

Lá ficaram arrumadas nas caixas.

## E COMEÇOU A CHO-

### VER...

Sim, pelas 17 horas, já prevenidos com as nuvens pesadas, e o trovão, começou a chover:

Os mais tímidos foram saindo. Mas ficou ainda muita gente.

Em casos destes, mais tarde, a estrada escoará rapidamente o pessoal que não quiser esperar até ao fim. Mas nós não perdemos o tempo. Fomo-nos para o mosteiro.

E começamos mais uma vez a rezar e a cantar. — Não lhes parece que era isto mesmo o que Santa Rita queria? — Vir aqui descansar um bocadinho e voltar para junto da sua imagem e rezar? Pois foi o que fizemos: rezamos e cantamos.

É certo que alguns estariam um pouco «molhados», mas cantou-se muito bem.

Foi uma hora. Fora choveu torrencialmente. E quando terminamos, umas résteas do sol vieram beijar o mosteiro como que a abençoar aquela nossa hora. Saimos.

A banda voltou a tocar. Os alto-falantes continuaram a funcionar e a festa elevou-se até ao fim da tarde.

Na Casa da Mesa, os mordomos foram contando tudo e apuraram cerca de 12.000\$00. Um grande dia! graças a Santa Rita e aos benfeitores.

Acabamos de receber uma carta do Sr. Engenheiro Cardoso Bispo a comunicar-nos que voltaria para Rouças, no próximo mês de Julho, a fim de continuar com o estudo da planta da estrada de Santa Rita, Loviô e Cavalheiro Alvo. Já pouco falta.

E os homens do nosso amigo Sr. Baptista, lá andam na sua tarefa. Já se encomendou o azulejo para a cúpula da torre e qualquer dia deve chegar a cruz de ferro, que no alto ficará a abençoar esta nossa linda região e o seu

# SOCIEDADE

## ANIVERSÁRIOS

**Fazem anos:** — amanhã o sr. António Barbelto da Silva Júnior; no dia 17 a menina Aurora Elvira Alves Moraes e o menino Joaquim António Pereira Rodrigues; no dia 18 a sra. D. Maria Madalena Gomes de Sousa e a menina Maria da Conceição Bermudes; no dia 20 os srs: prof. Abílio Domingues, Abílio Alves Carabel e Alfredo Domingues e a menina Palmira Caldas; no dia 22 o sr. José Eugénio Gonçalves Pereira Júnior; no dia 23 o sr. José Manuel Solheiro; no dia 24 a sra. D. Sêrgia Elvira de Anguano Rodrigues Gomes Pinheiro de Magalhães; no dia 25 os srs. António Reis e Manuel Augusto Pinto; no dia 26 o sr. José Manuel Gomes Calheiros; no dia 28 o sr. Armando Passos Pereira; no dia 29 as meninas Clara de Sousa Lobato, Maria Alberta Ribeiro e Maria Fernanda Pinto da Silva e o sr. Manuel Pinto (Chaviães) e no dia 30 a sra. D. Maria Joaquina Alves Soares e o sr. Armando da Mota Solheiro.

**Afinando os eixos...** — Para o jornal de 15 de Maio pretérito, escrevemos:

**Fazem anos:** amanhã o rev. António Domingues (Alvarêdo) etc. Quem com pôs; ou quem reviu, porém, lá entendeu que rev. em Alvarêdo só podia ser o digno Abade desta freguesia, Sr. P.e António

bom povo. Será luminosa. Mas quando virá a electricidade? — Até Julho ficará tudo pronto, se Deus quiser.

Perguntam-nos como se consegue pagar tantas coisas em tão pouco tempo. Nós também não sabemos responder. Fechamos os olhos e andamos para diante.

Queremos agradecer a todos os benfeitores desta obra a sua ardente generosidade. A todos.

Aqueles que nos deram cinco tostões e aos que nos deram 1.000\$00.

Ao Sr. Manuel Loureiro, de Surribas, e a sua dilecta Esposa, D. Joia, agradecemos a oferta de 1.000\$00.

Ao Sr. Manuel José Pereira, de Urjaz, Cuba lhão, agradecemos o envio de 770\$00.

A «queira Senhora de S. Gregório que ofereceu a libra em oiro, também muito obrigado.

Nós já entregamos tudo a Santa Rita.

da Silva Barros, emendou e... resultou *peor a emenda que o soneto*, como diria Manuel Maria Barbosa do Bocage (Elmano Sadino).

Pois não é a mesma coisa... O rev. António Domingues é ainda seminarista, é certo, mas, como está já com ordens menores, tem direito àquele tratamento.

E como estamos em maré de afinado de «eixos», lembramos também a quem de direito que *igreia Matris de tal não é a mesma coisa que igreia da Matris de tal*. Na primeira forma escrevemos nós sempre; na segunda, como frequentemente tem saído, é... «calinada».

**Casamento** — Em o dia 29 do mês findo, realizou-se, na Matriz da Vila, o casamento do sr. Manuel José Esteves com a sra. D. Idalina Alice de Lima, prenda da filha do sr. Amaro de Lima e de sua esposa, sr. D. Elvira de Abreu e Lima.

Testemunharam o acto: por parte do noivo, a sr. D. Maria de Lourdes de Carvalho e seu pai, sr. José Narciso Esteves, e por parte da noiva, a sra. D. Idalina Correia Pires e seu filho, o jovem António Augusto Pires.

Aos recém casados, que são dois entusiastas e membros da J. O. C., deseja «A Voz de Melgaço» um lar muito venturoso e as felicidades de que são dignos.

**Baptizado** — Com o nome de Fernando, foi baptizado, no pretérito dia 5, na igreja Matriz da Vila, um filho do sr. Manuel Cobêlo e de sua consorte, sr. Maria Armada de Freitas, sendo paraninizado pelo sr. António Luís Gonçalves e pela menina Maria dos Anjos Gonçalves.

«A Voz de Melgaço», faz votos pelas felicidades do neo cristão.

## «HOTEL»

### de Nossa Senhora da Penada

A Irmandade de Nossa Senhora da Penada, faz público que aceita propostas, em carta fechada, até ao dia 15 de Junho para o arrendamento do «Hotel», sito no Santuário do mesmo nome, na freguesia da Gaviéria.

As condições do concurso acham-se patentes, todos os dias úteis, na Secretaria desta Irmandade, ou na Casa Comercial do sr. Ramiro Amaral, desta Vila de Arcos de Valdevez.

A MESA.

## A caminho de Fátima

(Continuação da 1.ª página)

dividida há pouco em três grandes paróquias, por S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz, (pois não sei se conhecem que é civilmente do Porto, mas eclesiásticamente de Braga), há muito que ver. Logo à entrada fica-nos à esquerda a Nova Basílica do Sagrado Coração de Jesus, onde há pouco foi instalado um carrilhão de aço vindo da Alemanha. Seguimos rumo ao mar pois a praia tem sempre os seus encantos.

Deixada a Póvoa; em poucos minutos estávamos em Vila do Conde. Foi a primeira vez que, nas minhas andanças para Fátima; aqui fizemos paragem e valeu a pena! Subimos afanosos a Santa Clara, onde actualmente se encontra instalada a Obra de Correção dos rapazes. Estavam ao mês de Maria. Que ricos tecidos desta Igreja! E as bancadas? E o extenso aqueduto aqui e além cortado pelo desgate do tempo! Descemos à estrada; atravessamos o campo da feira; e subimos também à Matriz: Outro Monumento de raro valor.

Era necessário partir; pois ainda vamos no princípio da nossa longa viagem. Quem dera que todas as estradas do País fôsem assim como esta até ao Porto! Mas tarde e mal tais melhoramentos chegarão às nossas terras devido às grandes dificuldades de toda a ordem. — Com invulgar rapidez alcançamos as barreiras do Porto, mas aqui surgem as dificuldades do trânsito. Esta cidade é bastante grande e movimentada, mesmo comparada com as grandes metrópoles do trabalho e da civilização; por isso gastamos uma boa meia hora para atravessar esta mole imensa e recolher a camioneta na Garage «Atlantic», (se bem me recordo), onde todos de manhã a deviam procurar. Arrumada esta, fomos à procura de hospedagem para nós. — Cada um aproveitou os seus conhecimentos, segundo as conveniências, mas a maior parte, deceu comigo ao Cais da Ribeira, onde um meu primo, que muitos melgacenses conhecem, tem presentemente uma casa de pasto. Não é de luxo, mas está-se em família. A noite, apesar de fatigados, demos ainda um bom passeio através do túnel, uma obra que eu muito admiro, por algumas artérias e pela Avenida dos Aliados, admirando as montras e os anúncios luminosos, de tão belo feito.

Marcou-se a alvorada para as sete e a partida para as oito horas. De manhã só pode celebrar o Sr. P.e Custódio. Eu fui a S. João da Madeira, mas isto fica para outra vez.

Melgaço, 10 de Junho de 1955  
P.e Justino Domingues